

10 Dias No Cenáculo

Bem-vindo!	4
Intercessão Fervorosa	8
Fé Mais Profunda	14
Arrependimento Sincero	20
Confissão Genuína	24
Unidos em Amor	30
Examinando a Consciência	36
Humildade e Sacrifício	42
Entrega Obediente	48
Alegria e Gratidão	54
Testemunho Fervoroso	60



Edição Especial

10 Dias no CENÁCULO

Buscando o poder do Espírito Santo

Título original em inglês:
10 Days in the Upper Room

Copyright © da edição em inglês: Pacific Press,
Nampa, EUA. Direitos internacionais reservados.

*Direitos de tradução e publicação
em língua portuguesa reservados à*



Casa Publicadora Brasileira
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP
Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900

Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888
www.cpb.com.br

1ª edição: 338.200 mil exemplares
2013

Coordenação Editorial
Marcos De Benedicto

Tradução
Karina Carnassale Deana

Editoração
Guilherme Silva
Marcos De Benedicto
Vinícius Mendes

Revisão
Adriana Seratto

Projeto Gráfico e Capa
Renan Martin

Imagem da Capa
Subbotina Anna | Fotolia

IMPRESSO NO BRASIL / Printed in Brazil

Os textos bíblicos citados nesta revista foram
extraídos das versões Almeida Revista e Atualizada e
Almeida Revista e Corrigida, salvo outra indicação.



Todos os direitos reservados. Proibida
a reprodução total ou parcial, por
qualquer meio, *sem prévia autorização*
escrita do autor e da Editora.

14371 / 29215

Bem-vindo!

Bem-vindo a uma incrível jornada espiritual até o Cenáculo. Posso assegurar que você está prestes a fazer uma das mais emocionantes descobertas de sua vida. Durante este estudo, vamos investigar qual deve ser o preparo necessário para receber o poder do Espírito Santo em Sua plenitude. Juntos, vamos examinar as instruções dadas pela Inspiração para o recebimento do Espírito Santo e saber como podemos viver diariamente no poder do Espírito.

Você já se perguntou por que os discípulos tinham uma fé que desafiava a própria morte? O que deu a eles a coragem para proclamar o evangelho até os confins da Terra, apesar dos enormes obstáculos que tinham para enfrentar? Por que eles haviam mudado tanto após o Pentecostes? As presunçosas declarações de Pedro transformaram-se em submissa obediência e pregação poderosa. As dúvidas de Tomé deram lugar a uma fé sólida como uma rocha. Tiago e João, os “filhos do trovão”, foram totalmente transformados; tornaram-se servos humildes do Senhor Jesus. Mateus, o astucioso cobrador de impostos, converteu-se no fiel cronista do

evangelho. E Maria Madalena, uma mulher de reputação duvidosa, passou a ser uma forte e amorosa defensora da cruz. O Pentecostes provocou uma diferença dramática na vida dessas pessoas e pode fazer a diferença em nossa vida também. Cheios do poder do Espírito Santo, os apóstolos transformaram o mundo. Em apenas poucas décadas, o evangelho foi levado aos mais distantes pontos do Império Romano.

A promessa do Espírito Santo foi dada apenas para os discípulos? O derramamento do poder celestial foi limitado somente a eles? Ou, quem sabe, Deus tem para nós também mais do que provavelmente podemos imaginar? Ao falar sobre a promessa do Pentecostes, Pedro declarou: “Pois para vós outros é a promessa, para vossos filhos e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor, nosso Deus, chamar” (At 2:39).

Ellen White reafirma que esse dom é para nós também:

O tempo decorrido não operou nenhuma mudança na promessa

dada por Cristo ao partir, promessa esta de enviar o Espírito Santo como Seu representante. Não é por qualquer restrição da parte de Deus que as riquezas de Sua graça não fluem para a Terra em favor dos homens. Se o cumprimento da promessa não é visto como poderia ser, é porque a promessa não é apreciada como deveria ser. Se todos estivessem dispostos, todos seriam cheios do Espírito. Onde quer que a necessidade do Espírito Santo seja um assunto de que pouco se pense, ali se verá sequidão espiritual, escuridão espiritual e espirituais declínio e morte. Quando quer que assuntos de menor importância ocupem a atenção, o divino poder, preciso para o crescimento e prosperidade da igreja, e que haveria de trazer após si todas as demais bênçãos, está faltando, ainda que oferecido em infinita plenitude (*Atos dos Apóstolos*, p. 50).

Tanto a Bíblia quanto os escritos do dom de profecia em nossos dias revelam claramente que a promessa do Espírito Santo é dada a cada um de nós. Deus anseia derramar o Espírito Santo sobre a igreja hoje. Não é por qualquer relutância da parte de Deus que o Espírito Santo não tem sido derramado no poder da chuva serôdia para a finalização de Sua obra. Todo o Céu espera que o povo de Deus dê os passos necessários para receber o poder do Espírito Santo a fim de concluir a comissão evangélica.

Nesta revista, vamos visitar novamente a sala do Cenáculo e estudar mais especificamente o preparo necessário para receber o derramamento do Espírito Santo no tempo do fim. Refletiremos a respeito dos escritos da Bíblia e de Ellen White sobre o ministério do Espírito Santo e procuraremos relacionar à nossa vida o que estamos aprendendo por meio da Inspiração. Em cada tema, você encontrará duas seções definidas: "Analisando o Conselho Divino" e "Refletindo Sobre o Conselho Divino". Minha oração é que, ao estudar este material, você fique cheio do Espírito

Santo e passe pela experiência da transformação de sua vida. Oro a Deus para que o capacite e o torne uma poderosa testemunha neste momento decisivo da história da Terra.

Por que o Pentecostes tem tanto significado?

O dia de Pentecostes era extremamente significativo na história judaica. Cinquenta dias após a celebração da Páscoa, esse dia comemorava tanto a colheita da primavera no ciclo agrícola da Palestina como também o dia em que foi dada a lei no Monte Sinai, cinquenta dias após o Êxodo. Para os cristãos, o Pentecostes comemora a descida do Espírito Santo. Alguns denominaram o Pentecostes como "o dia do nascimento da igreja cristã". Após Sua morte e

No Cenáculo em Jerusalém, eles oraram, arrependeram-se de seus pecados, confessaram a falta de fé, humilharam-se de coração e renderam a vida novamente à operação do Espírito Santo.

ressurreição, Jesus apareceu aos discípulos por quarenta dias (At 1:3). Ele lhes ordenou que aguardassem em Jerusalém para receberem a promessa do poderoso derramamento do Espírito Santo, conforme predito em Joel 2:28. "E acontecerá, depois, que derramarei o Meu Espírito sobre toda a carne", declarou o Salvador. "Mas receberão poder, quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão Minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria e até os confins da Terra" (At 1:8, NVI).

Reconhecendo o significado da ordem de Cristo, os discípulos obedeceram às Suas instruções. No Cenáculo em Jerusalém, eles oraram, arrependeram-se de seus pecados, confessaram a falta de fé, humilharam-se de coração e renderam a vida novamente à operação do Espírito Santo. Por iluminação divina, Ellen White descreve o que aconteceu durante os dez dias em que estiveram ali reunidos: "Depois da ascensão de Cristo, os discípulos reuniram-se em um lugar a fim de suplicar humildemente a Deus.

E após dez dias de esquadrihar o coração e examinar a si mesmos, estava preparado o caminho para o Espírito Santo penetrar no templo da alma limpo e consagrado” (*Evangelismo*, p. 698).

A igreja cristã começou sua existência orando pelo Espírito Santo. Foi na sua infância, sem a presença pessoal de Cristo. Justamente antes de Sua ascensão, Cristo comissionara Seus discípulos a pregar o evangelho ao mundo: “Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis Minhas testemunhas.”

Em obediência à palavra de seu Mestre, os discípulos voltaram a Jerusalém e, por dez dias, oraram pelo cumprimento da promessa de Deus. Esses dez dias foram dias de profundo exame do coração. Os discípulos puseram de lado todas as divergências que haviam existido entre eles e uniram-se intimamente em comunhão cristã. [...] No fim dos dez dias, o Senhor cumpriu Sua promessa por um maravilhoso derramamento de Seu Espírito. Quando eles “perseveravam unanimemente em oração e súplicas”, veio a bênção prometida. [...]

Qual foi o resultado do derramamento do Espírito no dia de Pentecostes? As boas-novas de um Salvador ressurreto foram levadas aos confins do mundo habitado. O coração dos discípulos ficou saturado de uma bondade tão plena, tão profunda, de tão vasto alcance, que os impeliu a ir até os confins da Terra.

Pela graça de Cristo, os apóstolos se tornaram o que foram. Foi a sincera devoção e oração humilde e fervorosa que os levou à íntima comunhão com Ele. Assentaram-se com Ele em lugares celestiais.

Reconheceram a grandeza de sua dívida para com Ele. Pela oração fervorosa e perseverante, obtiveram a dotação do Espírito Santo, e então saíram, arcando ao peso da salvação de almas, tomados de zelo por estender os triunfos da cruz. [...]

Devemos nós ser menos fervorosos do que foram os apóstolos? Não havemos de, por viva fé, reclamar as promessas que os levaram, da profundidade de seu ser, a implorar ao Senhor Jesus o cumprimento de Sua palavra: “Pedi, e recebereis” (Jo 16:24)? Não virá o Espírito de Deus hoje, em resposta à oração fervorosa e perseverante, suprimindo poder aos homens? (*Nos Lugares Celestiais* [MM 1968], p. 333).

A revista *10 Dias no Cenáculo* foi preparada em resposta a esse conselho divino. A grande comissão vem acompanhada de uma grande promessa. A tarefa de pregar o evangelho a todo o mundo nesta geração parece impossível, mas Deus é o Deus do impossível. Quando o Espírito Santo for derramado na plenitude de Seu poder, Ele tocará os corações, vidas serão transformadas e a mensagem da verdade para os últimos dias se espalhará como fogo arrasador. Filhos e filhas que se afastaram de Jesus voltarão ao lar. Aqueles que abandonaram a fé retornarão ao Deus de sua infância. Corações endurecidos serão suavizados e mentes fechadas serão abertas. Países fechados à pregação do evangelho irão se tornar terrenos férteis para a recepção da verdade divina. A Terra será então “iluminada com a Sua glória” (Ap 18:1). A obra de Deus na Terra será finalizada e Jesus voltará.

A grande comissão vem acompanhada de uma grande promessa. A tarefa de pregar o evangelho a todo o mundo nesta geração parece impossível, mas Deus é o Deus do impossível.

Por que Deus enviou poder do Céu?

O poder do Céu foi enviado no Pentecostes por duas razões fundamentais. A primeira é que foi no tempo certo. O Espírito Santo foi derramado sobre os discípulos como uma confirmação de que o sacrifício de Cristo havia sido aceito no Céu. Ele foi então exaltado como nosso Salvador e Senhor. Pedro explicou isso no sermão que pregou no Pentecostes: “Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis” (At 2:33). A descida do Espírito Santo foi o sinal divino de que os discípulos tinham um Amigo junto ao trono de Deus que os capacitaria diariamente a cumprir a missão. O relógio marcou a hora no calendário divino, e o Espírito foi derramado com todo o poder. “Cristo decidira conceder um dom àqueles que haviam estado com Ele e aos que nEle criariam, porque aquela era a ocasião de Sua ascensão e entronização, um jubileu no Céu. Que dom podia Cristo conceder, rico o suficiente para assinalar e abrilhantar Sua ascensão ao trono intercessório? Devia ser digno de Sua grandeza e realeza. Cristo enviou Seu representante, a terceira pessoa da Trindade, o Espírito Santo. Nada podia superar esse dom” (*Cristo Triunfante* [MD 2002], p. 301).

A segunda razão pela qual o Espírito Santo foi derramado é porque os discípulos cumpriram as condições. Algo maravilhoso aconteceu durante aqueles dez dias no Cenáculo que os preparou para receber o Espírito em Sua plenitude. No primeiro século, os discípulos receberam o poder do Espírito Santo para propagar a mensagem do evangelho. No tempo do fim, a igreja de Deus receberá a plenitude do poder do Espírito Santo para cumprir a tarefa de proclamar o evangelho ao mundo.

Agora é o tempo. Este é o momento certo. A hora é chegada. Nosso Senhor está apelando à Sua igreja hoje para cumprir as condições necessárias. Um cuidadoso estudo da Bíblia e dos escritos de Ellen White revela a experiência dos discípulos durante aqueles dez dias no Cenáculo. Eles buscaram uma renovadora experiência com Deus por meio de:

1. Intercessão fervorosa
2. Fé mais profunda
3. Arrependimento sincero
4. Confissão genuína
5. Unidade em amor
6. Exame de consciência
7. Humildade e sacrifício
8. Entrega obediente
9. Alegria e gratidão
10. Testemunho fervoroso

Na primeira parte, “Analisando o Conselho Divino”, nós estudaremos essas qualidades de caráter em cada capítulo, tendo como base as quatro perguntas seguintes:

1. Como posso preparar o coração para receber a plenitude do poder do Espírito Santo?
2. Há alguma coisa em minha vida que impeça o derramamento do Espírito Santo?
3. Deus pode, seguramente, confiar-me o poder de Seu Santo Espírito?
4. O coração está preparado para receber a promessa da chuva serôdia?

Ao estudarmos esses temas juntos, você vai sentir-se atraído para cada vez mais perto do Salvador. Ao abrir diariamente o coração à influência do Espírito Santo, você desfrutará de uma experiência ainda mais íntima com Jesus. O poder do Espírito encherá sua vida novamente. O batismo do Espírito Santo não é algo que buscamos apenas uma vez nem algum tipo de experiência gloriosa pela qual ansiosamente aguardamos no futuro. O recebimento do Espírito Santo é uma experiência que devemos buscar cada dia. “Cada obreiro devia fazer sua petição a Deus pelo batismo diário do Espírito. Grupos de obreiros cristãos se devem reunir para suplicar auxílio especial, sabedoria celestial, para que saibam como planejar e executar sabiamente” (*Atos dos Apóstolos*, p. 50).

Este estudo pretende que você experimente o poder do Espírito Santo novamente em sua vida, e que o coração se abra para receber tudo o que Deus tem para conceder à igreja hoje.



Intercessão Fervorosa

Analizando o Conselho Divino

A oração é o pulsar do ministério dos discípulos em suas proezas de fé no livro de Atos. Eles se reuniram durante dez dias e buscaram fervorosamente o prometido dom do Espírito Santo. Depois que o Espírito Santo foi derramado sobre eles, três mil novos convertidos foram acrescentados em um único dia. “E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações” (At 2:42). Enquanto enfrentavam tremendos obstáculos, os discípulos recorreram a seu melhor Amigo, Jesus, que já estava à destra do trono de Deus, e “tremeu o lugar onde estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo e, com intrepidez, anunciavam a palavra de Deus” (At 4:31). Pouco tempo depois, a igreja nascente escolhia os seus primeiros diáconos para que os apóstolos pudessem se dedicar continuamente “à oração

e ao ministério da Palavra” (Atos 6:4). Quando Herodes mandou prender Pedro, toda a igreja intercedeu, e o apóstolo foi miraculosamente libertado da prisão (At 12).

A experiência vivida no Cenáculo deu início a uma vida de oração para todo o ministério dos discípulos. Por meio da oração, eles desenvolveram um coração confiante e estabeleceram a atitude de dependência do Todo-Poderoso. Além disso, eles reconheceram sua fraqueza e buscaram forças nEle. Admitiram sua ignorância e buscaram a sabedoria vinda de Deus. Os discípulos reconheceram claramente as limitações e clamaram por Seu todo-suficiente poder. Concluíram que jamais poderiam alcançar o mundo com o evangelho sem que a presença e o poder do Espírito Santo operassem por meio deles. O Pentecostes foi o resultado de fervorosa intercessão.

Oração: o canal da bênção

Por intermédio da oração, nós também abrimos o coração para tudo o que Jesus tem para nos conceder. Abrimos todo o nosso ser diante dEle para receber a plenitude de Seu poder. “A oração é o abrir do coração a Deus como a um amigo. Não que seja necessário, a fim de tornar conhecido a Deus o que somos; mas sim para nos habilitar a recebê-Lo. A oração não faz Deus baixar a nós, mas eleva-nos a Ele” (*Caminho a Cristo*, p. 93). Em todos os relacionamentos saudáveis, existe o desejo de nos comunicarmos com as pessoas com as quais nos importamos. A oração abre o coração para falarmos com Deus assim como falaríamos com um amigo íntimo. O Cenáculo era um lugar de comunhão com Deus, um lugar em que os discípulos oravam individualmente e se uniam para orar juntos. “Reuniram-se também para, em nome de Jesus, apresentar seus pedidos ao Pai. Sabiam que tinham um Representante no Céu, um Advogado junto ao trono de Deus. Em solene reverência, ajoelharam-se em oração, repetindo a promessa: “Tudo quanto pedirdes a Meu Pai, em Meu

nome, Ele vo-lo há de dar. Até agora nada pedistes em Meu nome; pedi, e recebereis, para que o vosso gozo se cumpra’ (Jo 16:23, 24). Mais e mais alto, eles estenderam a mão da fé, com o poderoso argumento: ‘É Cristo quem morreu, ou antes quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós’ (Rm 8:34)” (*Atos dos Apóstolos*, p. 35, 36).

A oração abre o coração para falarmos com Deus assim como falaríamos com um amigo íntimo.

Nós também temos um Representante no Céu que nos convida a levar a Ele os fardos. Temos um Amigo junto ao trono de Deus que insta conosco para apresentarmos a Ele os anseios do coração. Podemos reclamar Suas promessas. Podemos estender a mão da fé mais e mais alto. Podemos pedir-Lhe que nos conceda o mais precioso dom celestial – o dom do Espírito Santo. Ele nos convida a ir até Seu trono agora para reivindicar essas preciosas promessas.

No grande conflito entre o bem e o mal, a oração é uma poderosa arma para derrotar o inimigo. Um dos princípios fundamentais no Universo é a liberdade de escolha. Deus nunca forçará nossa vontade. Ele nunca nos manipulará para que O sirvamos. Embora Ele opere diariamente em nossa vida, impressionando-nos por intermédio de Seu Espírito para que façamos as escolhas certas, Seu envolvimento em nossa vida é limitado por nossas escolhas. Quando nos ajoelhamos diante dEle em oração, Ele respeita a preferência que Lhe damos para intervir mais amplamente em nossa vida. Seu Espírito nos impressiona e nos convence antes de orarmos, mas nunca nos encherá e nunca nos capacitará até que oremos.

Com oração, leia os textos das Escrituras e de Ellen G. White que estão a seguir. Reclame-os como seus. Apresente essas promessas divinas ao Senhor, crendo que Ele cumprirá Sua palavra.

Promessas divinas

- “Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que Lho pedirem?” (Lc 11:13).
- “E Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco” (Jo 14:16).
- “O Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em Meu nome, Esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito” (Jo 14:26).
- “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abri-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á” (Mt 7:7, 8).
- “O Céu é cheio de luz e poder, e podemos usufruir suas bênçãos se quisermos. Deus está ansioso por derramar Sua bênção sobre nós assim que nos aproximarmos dele e por viva fé nos apegarmos às suas promessas. Ele diz que está mais desejoso de conceder Seu Santo Espírito àqueles que Lhe pedem que os pais terrenos estão em dar boas dádivas a seus filhos. Nós O tomaremos por Sua palavra?” (*Historical Sketches*, p. 152).
- “O tempo decorrido não operou nenhuma mudança na promessa dada por Cristo ao partir; promessa esta de enviar o Espírito Santo como Seu representante. Não é por qualquer restrição da parte de Deus que as riquezas de Sua graça não fluem para a Terra em favor dos homens. Se o cumprimento da promessa não é visto como poderia ser, é porque a

promessa não é apreciada como devia ser. Se todos estivessem dispostos, todos seriam cheios do Espírito. Onde quer que a necessidade do Espírito Santo seja um assunto de que pouco se pense, ali se verá sequidão espiritual, escuridão espiritual e espirituais declínio e morte. Quando quer que assuntos de menor importância ocupem a atenção, o divino poder, preciso para o crescimento e prosperidade da igreja, e que haveria de trazer após si todas as demais bênçãos, está faltando, ainda que oferecido em infinita plenitude” (*Atos dos Apóstolos*, p. 50).

- “Manhã após manhã, ao se ajoelharem os arautos do evangelho perante o Senhor, renovando-Lhe seus votos de consagração, Ele lhes concederá a presença de Seu Espírito, com Seu poder vivificante e santificador. Ao saírem para seus deveres diários, têm eles a certeza de que a invisível atuação do Espírito Santo os habilita a serem ‘cooperadores de Deus’” (*Atos dos Apóstolos*, p. 56).
- “Ao avizinhar-se o fim da ceifa da Terra, uma especial concessão de graça espiritual é prometida a fim de preparar a igreja para a vinda do Filho do Homem. Esse derramamento do Espírito é comparado com a queda da chuva serôdia; e é por este poder adicional que os cristãos devem fazer as suas petições ao Senhor da seara ‘no tempo da chuva serôdia’. Em resposta, ‘o Senhor, que faz os relâmpagos, lhes dará chuveiro de água’ (Zc 10:1). ‘Ele [...] fará descer a chuva, a temporã e a serôdia, no primeiro mês’ (Jl 2:23)” (*Atos dos Apóstolos*, p. 55).

Estamos vivendo em um momento especial na história da humanidade. O Céu nos convida a nos apegarmos às promessas do Todo-Poderoso. Deus anseia fazer algo especial por Sua igreja agora.

Estamos vivendo em um momento especial na história da humanidade. O Céu nos convida a nos apegarmos às promessas do Todo-Poderoso. Deus anseia fazer algo especial por Sua igreja agora. Ele nos convida a buscá-Lo de todo o coração para recebermos o poder de Seu Santo Espírito na chuva serôdia para que possa finalizar Sua obra na Terra. Você irá clamar fervorosamente por Suas promessas? Irá encorajar outros a se unirem a você em oração pelo derramamento do Espírito Santo? Reorganizará as prioridades para dedicar mais tempo com Jesus em oração?

Refletindo Sobre o Conselho Divino

Leia atentamente o seguinte trecho extraído do livro *O Desejado de Todas as Nações*, páginas 668-672:

Antes de Se oferecer a Si mesmo como a vítima sacrificial, Cristo buscou o mais essencial e completo dom para outorgar a Seus seguidores, um dom que lhes poria ao alcance os ilimitados recursos da graça. “Eu rogarei ao Pai”, disse, “e Ele vos dará outro Consolador para que fique convosco para sempre; o Espírito de verdade, que o mundo não pode receber, porque não O vê nem O conhece; mas vós O conheceis, porque habita convosco, e estará em vós. Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós” (Jo 14:16-18).

Antes disto o Espírito havia estado no mundo; desde o próprio início da obra de redenção Ele estivera atuando no coração dos homens. Mas, enquanto Cristo estava na Terra, os discípulos não tinham desejado nenhum outro auxiliador. Não seria senão depois que fossem privados de Sua presença que experimentariam a necessidade do Espírito, e então Ele havia de vir.

O Espírito Santo é o representante de Cristo, mas despojado da personalidade humana e dela independente. Limitado pela humanidade, Cristo não poderia estar em toda parte em pessoa. Era, portanto, do interesse deles que fosse para o Pai, e enviasse o Espírito como Seu sucessor na Terra. Ninguém poderia ter então vantagem devido à sua situação ou a seu contato pessoal com Cristo. Pelo Espírito, o Salvador seria acessível a todos. Nesse sentido, estaria mais perto deles do que se não subisse ao alto.

O Espírito Santo é o representante de Cristo, mas despojado da personalidade humana e dela independente.

“Aquele que Me ama será amado de Meu Pai, e Eu o amarei, e Me manifestarei a ele” (Jo 14:21). Jesus

lia o futuro de Seus discípulos. Via um ser levado ao cadafalso, outro à cruz, um terceiro exilado entre os solitários rochedos do mar, outros ainda perseguidos e mortos. Animou-os com a promessa de que, em toda provação, estaria com eles. Aquela promessa não perdeu nada de sua força. O Senhor conhece tudo a respeito de Seus fiéis servos que, por amor dEle, jazem numa prisão ou são banidos para ilhas solitárias. Conforta-os com Sua presença. Quando por amor da verdade o crente comparece à barra de injustos tribunais, Cristo Se encontra a seu lado. Toda injúria que cai sobre eles cai sobre Cristo. Ele é condenado outra vez na pessoa de Seus discípulos. Quando uma pessoa se acha entre as paredes de um cárcere, Cristo lhe arrebatava o coração com Seu amor. Quando alguém sofre a morte por Sua causa, Ele diz: “Eu sou [...] o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. [...] E tenho as chaves da morte e do inferno” (Ap 1:17, 18). A vida que por Mim é sacrificada conserva-se para a glória eterna.



© viperap | Fotolia

Em todos os tempos e lugares, em todas as dores e aflições, quando a perspectiva se afigura sombria e cheio de perplexidade o futuro, e nos sentimos desamparados e sós, o Consolador será enviado em resposta à oração da fé. As circunstâncias podem nos separar de todos os amigos terrestres; nenhuma, porém, nem mesmo a distância, nos pode separar do celeste Consolador. Onde quer que estejamos, aonde quer que vamos, Ele Se encontra sempre à nossa direita, para apoiar, sustentar, erguer e animar.

Os discípulos ainda deixaram de compreender as palavras de Cristo em seu sentido espiritual, e novamente Ele lhes explicou sua significação. Pelo Espírito, disse, manifestar-Se-ia a eles. “Aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em Meu nome, Esse vos ensinará todas as coisas” (Jo 14:26). Não mais haveis de dizer: Não posso compreender. Não mais vereis por um espelho, imperfeitamente. Sereis capazes de “compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento” (Ef 3:18, 19).

Em todos os tempos e lugares, em todas as dores e aflições, quando a perspectiva se afigura sombria e cheio de perplexidade o futuro, e nos sentimos desamparados e sós, o Consolador será enviado em resposta à oração da fé.

Os discípulos deviam dar testemunho da vida e obra de Cristo. Por meio de suas palavras, Ele falaria a todo o povo na face da Terra. Mas na humilhação e morte de Cristo deviam eles sofrer grande prova e decepção. Para que, depois, Sua palavra pudesse ser exata, Jesus prometeu que o Consolador os faria lembrar de tudo quanto Ele havia dito.

“Ainda tenho muito que vos dizer”, continuou Ele, “mas vós não o podeis suportar agora. Mas, quando vier aquele Espírito de verdade, Ele vos guiará em toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir. Ele Me glorificará, porque há de receber do que é Meu, e vo-lo há de anunciar” (Jo 16:12-14). Jesus desvendara a Seus discípulos uma vasta porção da verdade. Mas era-lhes demasiado difícil manterem Suas lições separadas das tradições e máximas dos escribas e fariseus. Tinham sido ensinados a receber os ensinamentos dos rabis como a própria voz de Deus, e isso ainda exercia domínio sobre seu espírito, moldando-lhes os sentimentos. Ideias terrenas, coisas temporais, ocupavam ainda amplo espaço em seus pensamentos. Não entendiam a natureza espiritual do reino de Cristo, embora Ele lho houvesse tantas vezes explicado. A mente se lhes tinha tornado confusa. Não compreendiam o valor das Escrituras apresentadas por Cristo. Dir-se-iam perdidas muitas de Suas lições para eles. Jesus viu que não aprendiam o verdadeiro sentido de Suas palavras. Prometeu compassivamente que o Espírito Santo lhes havia de trazer essas palavras à memória. E deixara por dizer muitas coisas que os discípulos não compreendiam. A essas também o Espírito lhes abriria o entendimento, para que apreciassem as coisas celestiais. “Quando vier aquele Espírito da Verdade”, disse Jesus, “Ele vos guiará em toda a verdade” (Jo 16:13).

O Consolador é chamado “o Espírito da verdade”. Sua obra é definir e manter a verdade. Ele primeiro habita o coração como o Espírito da verdade, e torna-Se assim o Consolador. Há conforto e paz na verdade, mas nenhuma paz ou conforto real se pode achar na falsidade. É por meio de falsas teorias e tradições que Satanás adquire seu domínio



sobre a mente. Encaminhando os homens para falsas normas, deforma o caráter. Por intermédio das Escrituras, o Espírito Santo fala à mente e grava a verdade no coração. Assim expõe o erro, expelindo-o da alma. É pelo Espírito de verdade, operando pela Palavra de Deus, que Cristo submete a Si Seu povo escolhido.

Descrevendo aos discípulos a obra oficial do Espírito Santo, Jesus procurou inspirar-lhes a alegria e esperança que Lhe animavam o próprio coração. Regozijava-Se Ele pelas abundantes medidas que providenciara para auxílio de Sua igreja. O Espírito Santo era o mais alto dos dons que Ele podia solicitar do Pai para exaltação de Seu povo. Ia ser dado como agente de regeneração, sem o qual o sacrifício de Cristo de nenhum proveito teria sido. O poder do mal se estivera fortalecendo por séculos, e alarmante era a submissão dos homens a esse cativo satânico. Ao pecado só se poderia resistir e vencer por meio da poderosa operação da terceira pessoa da Trindade, a qual viria não com energia modificada, mas na plenitude do divino poder. É o Espírito que torna eficaz o que foi realizado pelo Redentor do mundo. É por meio do Espírito que o coração é purificado. Por Ele torna-se o crente participante da natureza divina. Cristo deu Seu Espírito como um poder divino para vencer toda tendência hereditária e cultivada para o mal, e gravar Seu próprio caráter em Sua igreja.

Disse Jesus a respeito do Espírito: “Ele Me glorificará.” O Salvador veio glorificar o Pai pela demonstração de Seu amor; assim o Espírito havia de glorificar a Cristo, revelando ao mundo a Sua graça. A própria imagem de Deus tem de ser reproduzida na humanidade. A honra de Deus, a honra de Cristo, acha-se envolvida no aperfeiçoamento do caráter de Seu povo.

“E quando Ele [o Espírito de verdade] vier, vencerá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo” (Jo 16:8). A pregação da Palavra não será de nenhum proveito sem a contínua presença e ajuda do Espírito Santo. Este é o único Mestre eficaz da verdade divina. Unicamente quando a verdade chega

ao coração acompanhada pelo Espírito, vivificará a consciência e transformará a vida. Uma pessoa pode ser capaz de apresentar a letra da Palavra de Deus, pode estar familiarizada com todos os seus mandamentos e promessas; mas, a menos que o Espírito Santo impressione o coração com a verdade, alma alguma cairá sobre a Rocha e se despedaçará. A mais esmerada educação e as maiores vantagens não podem tornar uma pessoa um veículo de luz sem a cooperação do Espírito de Deus. A semente da semente evangélica não terá êxito algum a menos que essa semente seja vivificada pelo orvalho do Céu. Antes de ser escrito um livro do Novo Testamento, antes de ser pregado qualquer sermão depois da ascensão de Cristo, o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos em oração. Então seus inimigos deram o testemunho: “Enchestes Jerusalém dessa vossa doutrina” (At 5:28).

Cristo prometeu o dom do Espírito Santo à Sua igreja, e a promessa nos pertence, da mesma maneira que aos primeiros discípulos. Mas, como todas as outras promessas, é dada sob condições. Muitos há que creem e professam reclamar a promessa do Senhor; falam acerca de Cristo e acerca do Espírito Santo, e todavia não recebem benefício. Não entregam a alma para ser guiada e regida pelas forças divinas. Não podemos usar o Espírito Santo. Ele é que deve servir-Se de nós. Mediante o Espírito opera Deus em Seu povo “tanto o querer como o efetuar, segundo a Sua boa vontade” (Fp 2:13). Mas muitos não se submeterão a isto. Querem-se dirigir a si mesmos. É por isso que não recebem o celeste dom. Unicamente aos que esperam humildemente em Deus, que estão atentos à Sua guia e graça, é concedido o Espírito. O poder de Deus aguarda que o peçam e o recebam. Esta prometida bênção, reclamada pela fé, traz após si todas as outras bênçãos. É concedida segundo as riquezas da graça de Cristo, e Ele está pronto a suprir toda alma segundo sua capacidade para receber.

Unicamente quando a verdade chega ao coração acompanhada pelo Espírito, vivificará a consciência e transformará a vida.

Fé mais Profunda

Analisando o Conselho Divino

Antes do Pentecostes, os discípulos eram totalmente diferentes do que se tornaram depois desse evento. Antes, o crescimento na fé era continuamente vacilante. Depois, tornou-se sólido como a rocha. O derramamento do Espírito Santo deu forças aos discípulos para enfrentarem a oposição que viria ao proclamarem o amor e a graça de Jesus. Cheio de medo no pátio do sumo sacerdote quando Jesus foi preso, Pedro negou-O covardemente dizendo: “Eu não conheço esse homem” (Mt 26:72, NVI). Sua fé era frágil e vacilante. Mas podemos ver um Pedro transformado no Pentecostes proclamando poderosamente as provas do Antigo Testamento de que Jesus era o Messias. Compare a negação de Pedro no pátio com a resposta que ele deu após o Pentecostes, quando as autoridades judaicas tentaram silenciar sua voz. Ousadamente, ele declarou: “Nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos” (At 4:20). A plenitude do Espírito Santo em sua vida fez toda a diferença. Pedro não podia, em sua própria força, resistir aos astutos ardis do inimigo. Na força de Jesus, porém, ele era mais do que capaz de viver uma vida fortalecida pelo Espírito Santo. O apóstolo Paulo descreve a dotação do Espírito Santo desta forma: “Para que, segundo a riqueza da Sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o Seu Espírito no homem interior” (Ef 3:16). Fortalecido pelo Espírito, cheio de fé, Pedro era um homem transformado.

Definição de fé

A fé apegar-se à promessa do Espírito Santo como uma realidade divina. Crê na promessa de que Cristo vai conceder o Seu Santo Espírito em abundante medida. A fé é em si mesma um dom de Deus (Rm 12:3). “A fé que nos habilita a receber os dons de Deus é em si mesma um dom, do qual certa medida é comunicada a todo ser humano. Ela cresce quando exercitada no apropriar-se da Palavra de Deus. A fim de fortalecer a fé devemos frequentemente trazê-la em contato com a Palavra” (*Educação*, p. 253, 254). Ao contemplarmos Jesus com o auxílio de Sua Palavra, o Espírito que inspirou a Palavra aumenta nossa fé (Rm 10:17).

A fé, na verdade, é confiança. “A fé é a confiança em Deus, ou seja, a crença de que Ele nos ama e conhece perfeitamente o que é para o nosso bem. Assim ela nos leva a escolher o Seu caminho em vez de

A fé é a confiança em Deus, ou seja, a crença de que Ele nos ama e conhece perfeitamente o que é para o nosso bem.

o nosso próprio. Em lugar da nossa ignorância, ela aceita a Sua sabedoria; em lugar de nossa fraqueza, aceita a Sua força; em lugar de nossa pecaminosidade, Sua justiça. Nossa vida e nós mesmos já somos Seus; a fé reconhece essa posse e aceita as bênçãos dela. A verdade, correção e pureza têm sido designadas como segredos do êxito da vida. É a fé que nos põe na posse destes princípios” (*Educação*, p. 253). A fé é a confiança em Deus, ou seja, a crença de que Ele nos ama e conhece perfeitamente o que é para o nosso bem. Por meio da fé, o Espírito Santo nos leva a entender a magnitude da graça tão liberalmente oferecida a nós no Calvário. Por meio da fé, recebemos força espiritual para resistir às tentações do inimigo e somos capacitados para testemunhar. Por intermédio dela, somos motivados a fazer tudo o

que Jesus nos pede e a obedecer ao que Ele ordena. Mediante a fé, apegamo-nos às promessas de Deus e cremos que elas pertencem a nós.

No Pentecostes, “mais e mais alto eles estenderam a mão da fé” e “sob a operação do Espírito Santo, mesmo os mais fracos, pelo exercitar fé em Deus, aprendiam a melhorar as faculdades conseguidas, e a se tornarem santificados, refinados e enobrecidos” (*Atos dos Apóstolos*, p. 36, 39, 50). Essa experiência pode ser nossa. O Espírito Santo almeja aprofundar e aumentar nossa fé. Ela só se desenvolverá no contexto de um íntimo relacionamento com Jesus.

Nossa vida e nós mesmos já somos Seus; a fé reconhece essa posse e aceita as bênçãos dela.

Três maneiras práticas para aumentar a fé

1. Espere que o Espírito Santo aumente a sua fé ao estudar a Palavra de Deus. Faça o estudo da Bíblia com um sentimento de expectativa e de esperança. Creia que o mesmo Espírito que inspirou a Bíblia vai realizar mudanças miraculosas em sua vida ao você perseverar no estudo da Palavra (2Pe 1:3, 4).
2. Aplique as promessas da Palavra de Deus à sua vida. Para receber o benefício do estudo da Bíblia, ele deve ser aplicado de forma individual. Coloque-se no contexto. Que lição o Espírito Santo deseja revelar-lhe no texto escrito? Que perspectivas para a vida diária Ele está lhe abrindo? Que convicções está Ele trazendo à sua mente?
3. Procure sempre agir na “medida da fé” que Deus já colocou em seu coração. Olhe para além das atuais circunstâncias de sua vida, divisando as bênçãos que Deus tem para você num futuro próximo. Se o Espírito Santo o impressionar a fazer algo, faça-o acreditando que será ricamente recompensado ao agir de acordo com Sua Palavra.

Para tornar sua fé mais profunda, leia as promessas a seguir e, em nome de Jesus, reclame-as como suas:

- “Isto é impossível aos homens, mas para Deus tudo é possível” (Mt 19:26).
- “Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna” (Hb 4:16).
- “Olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus” (Hb 12:2).
- “E esta é a confiança que temos para com Ele: que, se pedirmos alguma coisa segundo a Sua vontade, Ele nos ouve” (1Jo 5:14).
- “O Senhor quer que todos os Seus filhos e filhas sejam felizes, obedientes e desfrutem paz. Mediante o exercício da fé, o crente toma posse dessas bênçãos. Pela fé, cada deficiência de caráter pode ser suprida, cada contaminação purificada, cada falta corrigida e toda boa qualidade desenvolvida” (*Atos dos Apóstolos*, p. 564).
- “Tenho visto frequentemente que os filhos do Senhor negligenciam a oração, especialmente a oração secreta, e isto muito; que muitos não exercem aquela fé que têm o privilégio e o dever de exercer, esperando muitas vezes receber aquele sentir que unicamente a fé pode trazer. Sentimento não é fé; ambos são coisas distintas. Cabe a nós exercitar a fé; mas aquele sentimento de alegria e as bênçãos, Deus é quem os dá. A graça de Deus vem à alma pelo conduto da fé viva, e está ao nosso alcance exercitar semelhante fé” (*Primeiros Escritos*, p. 72).

Cabe a nós exercitar a fé; mas aquele sentimento de alegria e as bênçãos, Deus é quem os dá. A graça de Deus vem à alma pelo conduto da fé viva, e está ao nosso alcance exercitar semelhante fé.

“A verdadeira fé apreende e suplica a bênção prometida antes que esta se realize e a experimentemos. Devemos, pela fé, enviar nossas petições para dentro do segundo véu, e fazer com que nossa fé se apodere da bênção prometida e a invoque como sendo nossa. Devemos então crer que recebemos a bênção, porque nossa fé se apoderou dela e, segundo a Palavra, é nossa. “Tudo o que pedirdes, orando, crede que o receberéis e tê-lo-eis” (Mc 11:24). Isto é fé, e fé pura; o crer que recebemos a bênção, mesmo antes que a vejamos. Quando a bênção prometida se realiza, e é fruída, cessa a fé. Muitos supõem, todavia, que têm muita fé quando participam amplamente do Espírito Santo, e que não podem ter fé a menos que sintam o poder do Espírito. Tais pessoas confundem a fé com as bênçãos que a acompanham. O tempo em que propriamente deveríamos exercer a fé é aquele em que nos sentimos privados do Espírito. Quando densas nuvens de trevas parecem pairar sobre o espírito, é ocasião para fazer com que a fé viva penetre as trevas e disperse as nuvens. A verdadeira fé baseia-se nas promessas contidas na Palavra de Deus, e apenas aqueles que obedecem a essa Palavra podem exigir suas gloriosas promessas” (*Primeiros Escritos*, p. 72, 73).



Escassez de fé

Evidentemente, essa relação de confiança com Deus, por meio de Sua Palavra, será escassa no tempo do fim. O próprio Senhor Jesus fez a seguinte pergunta: “Contudo, quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na Terra?” (Lc 18:8). Muitos irão confundir sentimentos com fé. Buscarão uma experiência espiritual que estimule suas emoções e os faça sentir-se bem. Outros cairão do lado oposto, na armadilha do frio formalismo. Apesar da confusão feita por algumas pessoas, o Espírito Santo está guiando Sua igreja a uma experiência de fé mais

profunda do que poderíamos imaginar – uma experiência de total crença em Deus, confiança em Sua Palavra e obediência à Sua vontade. É o desejo sincero de seu coração viver uma vida de confiante fé? Por que não se ajoelha para pedir ao Espírito Santo que lhe conceda uma fé mais profunda e o leve a viver essa vida de fé agora?

Muitos irão confundir sentimentos com fé. Buscarão uma experiência espiritual que estimule suas emoções e os faça sentir-se bem.

Refletindo Sobre o Conselho Divino

Leia atentamente o seguinte texto extraído do livro *O Desejado de Todas as Nações*, páginas 673-677:

Então se fez ouvir a voz de Pedro protestando veemente: “Ainda que todos se escandalizem, nunca, porém, eu.” No cenáculo, declarou: “Por Ti darei a minha vida.” Jesus o advertira de que naquela mesma noite negaria seu Salvador. Agora Cristo repete a advertência: “Em verdade te digo que hoje, nesta noite, antes que o galo cante duas vezes, três vezes Me negarás.” Mas Pedro apenas “disse com mais veemência: Ainda que me seja necessário morrer contigo, de modo nenhum Te negarei. E da mesma maneira diziam todos também” (Mc 14:29-31). Em sua confiança de si mesmos, negaram a repetida declaração dAquele que é Onisciente. Não estavam preparados para a prova; quando a tentação os assaltasse, compreenderiam a própria fraqueza.

Quando Pedro disse que seguiria seu Senhor à prisão e à morte, era sincero em cada palavra proferida; mas não conhecia a si mesmo. Ocultos em seu coração, havia elementos do mal que as circunstâncias fariam germinar. A menos que ele fosse levado à consciência de seu perigo, esses elementos

se demonstrariam sua eterna ruína. O Salvador viu nele um amor-próprio e segurança que sobrepujariam mesmo o amor de Cristo. Em sua vida se revelara muito de enfermidade, pecado não mortificado, descuido de espírito, gênio não santificado e temeridade para entrar em tentação. A solene advertência de Cristo era um chamado a exame de coração. Pedro necessitava desconfiar de si mesmo e ter maior fé em Cristo. Houvesse ele recebido com humildade a advertência, e teria recorrido ao Pastor do rebanho para que guardasse Sua ovelha. Quando, no mar da Galileia, se achava prestes a submergir, clamara: “Senhor, salva-me!” (Mt 14:30). Então a mão de Cristo se estendera para segurar a sua. Assim agora, se clamasse a Jesus: “Salva-me de mim mesmo”, teria sido guardado. Pedro sentiu, porém, que lhe faltavam com a confiança, e julgou isso cruel. Estava já ofendido, e mais persistente se tornou na confiança própria.

Jesus contempla compassivamente os discípulos. Não os pode salvar da provação, mas não os deixa sem conforto. Assegura-lhes que há de quebrar as cadeias do sepulcro, e que Seu amor por eles não falhará. “Mas, depois de Eu ressuscitar”, diz, “irei

adiante de vós para a Galileia” (Mt 26:32). Antes que O negassem, receberam a certeza do perdão. Depois de Sua morte e ressurreição, sabiam achar-se perdoados, e ser caros ao coração de Cristo.

Jesus e os discípulos estavam a caminho para o Getsêmani, ao pé do monte Olivete, retirado lugar que Ele visitara muitas vezes para meditar e orar. O Salvador estivera expondo aos discípulos a missão que O trouxera ao mundo, e a relação espiritual que deveriam manter para com Ele. Ilustra em seguida a lição. A Lua esparge sua clara luz, revelando-Lhe uma florescente videira. Atraindo para ela a atenção dos discípulos, emprega-a como símbolo.

“Eu sou a Videira verdadeira,” diz Ele. Em vez de escolher a graciosa palmeira, o altaneiro cedro ou o vigoroso carvalho, Jesus toma a videira com suas gavinhas para representar a Si mesmo. A palmeira, o cedro e o carvalho mantêm-se de pé por si sós. Não exigem apoio. Mas a videira se entrelaça na grade, e assim cresce em direção do céu. Assim Cristo, em Sua humanidade, dependia do poder divino. “Eu não posso de Mim mesmo fazer coisa alguma” (Jo 5:30), declarou Ele.

“Eu sou a Videira verdadeira.” Os judeus haviam sempre considerado a videira como a mais nobre das plantas, e uma imagem de tudo quanto é poderoso, excelente e frutífero. Israel fora representado por uma videira plantada pelo Senhor na terra prometida. Os judeus baseavam sua esperança de salvação em sua ligação com Israel. Mas Jesus diz: Eu sou a Videira verdadeira. Não penseis que, devido à ligação com Israel, podeis tornar-vos participantes da vida de Deus e herdeiros de Sua promessa. Unicamente por Mim é recebida a vida espiritual.

Assim, pela operação do Espírito Santo, o homem torna-se participante da natureza divina.
É aceito no Amado.

“Eu sou a Videira verdadeira, e Meu Pai é o Lavrador” (Jo 15:1). Nos montes da Palestina plantou nosso Pai celestial esta boa Videira, e Ele próprio era o Lavrador. Muitos foram atraídos pela beleza

dessa Videira, reconhecendo-Lhe a origem celeste. Mas aos guias de Israel Ele parecia como uma raiz de terra seca. Tomaram a planta e esmagaram-na, pisando-a sob os pés profanos. Sua ideia era destruí-la para sempre. Mas o celeste Lavrador nunca perdeu de vista a Sua planta. Quando os homens pensavam que a tinham matado, Ele a tomou e plantou-a do outro lado do muro. O tronco não mais devia ser visível. Estava oculto dos cruéis assaltos dos homens. Mas os ramos da Videira pendiam por sobre o muro. Eles a deviam representar. Por meio deles ainda se poderiam unir enxertos à Videira. Destes se obtiveram frutos. Houve uma colheita, da qual aproveitaram os transeuntes.

“Eu sou a Videira, vós as varas” (Jo 15:5), disse Cristo aos discípulos. Embora estivesse para ser afastado deles, sua união espiritual com Ele devia permanecer imutável. “A ligação dos ramos com a videira,” disse, “representa a relação que deveis manter Comigo”. O renovo é enxertado na videira viva e, fibra por fibra, veia por veia, imerge no tronco. A vida da videira torna-se a vida do ramo. Assim a alma morta em ofensas e pecados recebe vida mediante a ligação com Cristo. Pela fé nEle como Salvador pessoal, forma-se esta união. O pecador une a sua fraqueza à força de Cristo, seu vazio à plenitude dEle, sua fragilidade à perdurável resistência do Salvador. Assim ele possui a mente de Cristo. Sua humanidade tocou a nossa, e nossa humanidade tocou a divindade. Assim, pela operação do Espírito Santo, o homem torna-se participante da natureza divina. É aceito no Amado. Uma vez formada, esta união com Cristo deve ser mantida. Disse Cristo: “Estai em Mim, e Eu em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em Mim” (Jo 15:4). Isto não é um contato casual, ora sim ora não. O ramo torna-se uma parte da videira viva. A comunicação de vida, força e fertilidade da raiz aos ramos é livre e constante. Separado da videira, o ramo não pode viver. “Tampouco,” disse Jesus, “podeis vós viver separados de Mim. A vida que de Mim recebestes só pode ser conservada por meio de contínua

comunhão. Sem Mim não podeis vencer um só pecado, ou resistir a uma única tentação.”

“Estai em Mim, e Eu em vós.” Permanecer em Cristo significa receber constantemente de Seu Espírito uma vida de inteira entrega a Seu serviço. As vias de comunicação entre o homem e seu Deus devem achar-se de continuo desimpedidas. Como o ramo tira sem cessar a seiva da videira viva, assim nos devemos apegar a Cristo, e dEle receber, pela fé, a força e perfeição de Seu próprio caráter.

A raiz, por meio dos galhos, envia a nutrição aos mais afastados ramos. Assim comunica Jesus a todo crente a corrente do vigor espiritual. Enquanto a alma estiver unida a Cristo, não há perigo de que seque ou se corrompa.

A vida da videira manifestar-se-á em fragrantos frutos nos ramos. “Quem está em Mim”, disse Jesus, “e Eu nele, esse dá muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer” (Jo 15:5). Quando vivemos pela fé no Filho de Deus, os frutos do Espírito se manifestarão em nossa vida; nenhum faltará.

“Meu Pai é o Lavrador. Toda a vara em Mim, que não dá fruto, a tira” (Jo 15:1, 2). Conquanto o enxerto esteja externamente unido à videira, pode não haver nenhuma ligação vital. Então não haverá crescimento ou fertilidade. Assim pode haver uma aparente conexão com Cristo, sem uma real união com Ele pela fé. Uma profissão de religião introduz os homens na igreja, mas o caráter e a conduta mostram se eles se acham em ligação com Cristo. Se não dão frutos, são falsas varas. Sua separação de Cristo envolve uma ruína tão completa como a que é representada pela vara seca. “Se alguém não estiver em Mim”, disse Cristo, “será lançado fora, como a vara, e secará; e os colhem e lançam no fogo, e ardem” (Jo 15:6).

“E limpa toda aquela que dá fruto, para que dê mais fruto” (Jo 15:2). Dos doze escolhidos que haviam seguido a Jesus, um, como ramo seco, estava para ser tirado; o resto devia passar pelo podão de amarga prova. Com solene ternura, Jesus explicou o desígnio do lavrador. A poda ocasionará dor, mas é o Pai que aplica o podão. Ele não trabalha com mão impensada nem coração indiferente. Há ramos que se arrastam pelo chão; estes

Permanecer em Cristo significa receber constantemente de Seu Espírito uma vida de inteira entrega a Seu serviço.

devem ser soltos dos pontos de apoio da terra, a que se apegam as tenras gavinhas. Devem estender-se em direção ao céu para encontrar em Deus seu sustentáculo. A excessiva folhagem que tira ao fruto a corrente vital tem de ser podada; cortado o excesso de ramos a fim de dar lugar aos saneadores raios do Sol da Justiça. O lavrador corta os rebentos prejudiciais para que o fruto seja mais rico e abundante.

“Nisto é glorificado Meu Pai”, disse Jesus, “que deis muito fruto” (Jo 15:8). Deus deseja manifestar por meio de vós a santidade, a beneficência, a compaixão de Seu próprio caráter. Todavia o Salvador não ordena aos discípulos que se atropelem para produzir frutos. Diz-lhes que permaneçam nEle. “Se vós estiverdes em Mim”, diz, “e as Minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito” (Jo 15:7). É por meio da Palavra que Cristo habita em Seus seguidores. Esta é a mesma vital união representada por comer Sua carne e beber Seu sangue. As palavras de Cristo são espírito e vida. Recebendo-as, recebeis a vida da Videira. Viveis “de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4:4). A vida de Cristo em vós produz os mesmos frutos que nEle. Vivendo em Cristo, aderindo a Ele, por Ele sustentados e dEle tirando a nutrição, dareis frutos segundo a Sua semelhança.



© Unleasam | Fotolia

Arrependimento

Analisando o Conselho Divino

Pouco antes de Sua ascensão, Jesus deu aos discípulos uma instrução bastante específica para “que esperassem a promessa do Pai” (At 1:4). O que Ele queria dizer? Deveriam eles simplesmente se assentar e cruzar os braços no Cenáculo, sem fazer nada, ou teriam um papel definido a desempenhar no preparo de seu coração para receber o dom celestial? Houve alguma coisa que precisaram fazer? Se houve, qual era? E o mais importante: o que podemos aprender a respeito do derramamento do Espírito Santo pela experiência vivida no Cenáculo?

Comentando os dez dias de espera, por orientação divina, Ellen White nos proporciona esta valiosa perspectiva: “Depois da ascensão de Cristo, os discípulos reuniram-se em um lugar a fim de suplicar humildemente a Deus. E, após dez dias de esquadrihar o coração e examinar-se a si mesmos, estava preparado o caminho para o Espírito Santo preencher o templo da alma limpo e consagrado” (*Evangelismo*, p. 698). No poderoso capítulo “O Pentecostes”, ela acrescenta: “Ao esperarem os discípulos pelo cumprimento da promessa, humilharam o coração em verdadeiro arrependimento e confessaram sua incredulidade” (*Atos dos Apóstolos*, p. 36).

Do que eles deveriam se arrepender? Posso imaginar que havia muitas coisas. Tiago e João provavelmente tenham se arrependido de sua impaciência e de seu orgulho. Pedro quem sabe tenha se arrependido de sua falta de fé, e Tomé, por ter duvidado. Todos os discípulos se ajoelharam e abriram sua vida diante de Deus. Reconheceram que foi por seus pecados que Jesus havia sido pregado no madeiro

cruel. Eles entenderam que o Salvador morrera por seu ego dilatado, seu desejo de supremacia, seu orgulho, sua dureza de coração. O Espírito Santo levou esses suplicantes discípulos a uma profunda convicção de sua pecaminosidade. No arrependimento genuíno, nenhuma desculpa é dada para o pecado, pois “é a bondade de Deus que [nos] conduz ao arrependimento” (Rm 2:4).

Assim como não podemos alcançar perdão sem Cristo, também não podemos arrepender-nos sem que o Espírito de Cristo nos desperte a consciência.

É impossível arrepender-nos genuinamente de nossos pecados a menos que Jesus nos conceda o dom do arrependimento. Em Atos 5, os apóstolos proclamaram esse Jesus a quem “Deus, porém, com a Sua destra, O exaltou a Príncipe e Salvador, a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão de pecados” (verso 31). Ellen White lembra-nos de que, “assim como não podemos alcançar perdão sem Cristo, também não podemos arrepender-nos sem que o Espírito de Cristo nos desperte a consciência” (*Caminho a Cristo*, p. 26).

“Cristo é a fonte de todo bom impulso. Ele unicamente é capaz de implantar no coração a inimizade contra o pecado. Todo desejo de verdade e pureza, toda convicção de nossa própria pecaminosidade, é uma evidência de que Seu Espírito está operando em nosso coração” (*Caminho a Cristo*, p. 26).

Sincero

Definição de Arrependimento

O arrependimento é a atitude de profunda tristeza pelo pecado. Não queremos ferir Aquele que tanto nos ama devido a nossos atos pecaminosos. Reconhecendo Seu imenso amor por nós, aborrecemos qualquer coisa que O entristeça. O arrependimento envolve muito mais do que afastar-se do pecado. Diz respeito a uma mudança de coração.

Coisas que antes nos alegravam, agora detestamos. Como Davi, nós clamamos: “Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova dentro de mim um espírito inabalável. Não me repulses da Tua presença, nem me retires o Teu Santo Espírito” (Sl 51:10, 11). O coração verdadeiramente arrependido anseia por agradecer a Jesus em todos os aspectos da vida.

Em todo o livro de Atos, o arrependimento e o recebimento do Espírito Santo estão intimamente ligados. Ao concluir o sermão no Pentecostes, Pedro admoestou os ouvintes dizendo: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo” (At 2:38). E em Atos 3:19, 20, ele apela a nós, como o fez aos seus ouvintes naquela ocasião: “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos para serem cancelados os vossos pecados, a fim de que, da presença do Senhor, venham tempos de refrigério.” Ellen White define esse tempo de refrigério da presença do Senhor como a chuva serôdia (*Primeiros Escritos*, p. 86). Ao sentirmos arrependimento – profundo e sincero sentimento de tristeza pelo pecado –, Deus prepara o coração para receber o Espírito Santo.

O arrependimento envolve muito mais do que afastar-se do pecado. Diz respeito a uma mudança de coração.

Resumo do que aprendemos sobre o arrependimento:

1. Arrependimento é a profunda tristeza no coração que nos leva ao desejo de agradar a Jesus em todas as áreas da vida.
2. O arrependimento é um dom de Deus. Sem a operação do Espírito Santo em nossa vida, é impossível experimentar o arrependimento genuíno.
3. O arrependimento envolve não somente uma mudança nas ações, mas também uma profunda mudança nas atitudes.
4. O arrependimento prepara o coração para a habitação do Espírito Santo.
5. O arrependimento é necessário para recebermos a chuva serôdia e nos tornarmos poderosas testemunhas de Jesus nesta última geração.

Há coisas em sua vida que o Espírito Santo está lhe convencendo de que não estão em harmonia com a vontade de Deus? Você tem certas atitudes que não condizem com as atitudes de Jesus? Você

se apegando conscientemente a hábitos que necessitam ser abandonados? Para onde nosso Senhor está conduzindo a sua vida? Que passos Ele o está conduzindo a tomar? Está você disposto a humilhar-se diante de Deus em arrependimento sincero e pedir a Ele que lhe perdoe as atitudes pecaminosas?

Laodiceia, a igreja da hora do juízo, é retratada no Apocalipse como uma igreja cheia de orgulho espiritual. Ela afirma ser rica e abastada, e não precisa de coisa alguma. Deus a despoja de sua pretensa hipocrisia declarando que ela é morna e complacente, e aconselha: “Sê, pois, zeloso e arrepende-te” (Ap 3:19).

Você pode ouvir o Espírito Santo falando ao coração? Por que não cai de joelhos e se arrepende? Diga a Deus que você não é tudo aquilo que gostaria de ser. Peça a Ele para revelar as áreas ocultas no profundo de seu ser que não estão em harmonia com a Sua vontade. Renuncie às coisas que Ele lhe mostra. Ao responder aos apelos do Espírito e ajoelhar-se diante dEle em tristeza pelo pecado, Deus encherá seu coração com a plenitude do Espírito.

Refletindo Sobre o Conselho Divino

Leia atentamente o seguinte texto extraído do livro *Atos dos Apóstolos*, páginas 35-38:

Ao voltarem os discípulos do Olivete para Jerusalém, o povo fitava-os, esperando descobrir-lhes no rosto expressões de tristeza, confusão e derrota; mas viram alegria e triunfo. Os discípulos não pranteavam desapontadas esperanças. Viram o Salvador ressurgido, e Sua promessa de despedida lhes ecoava constantemente aos ouvidos.

Em obediência à ordem de Cristo, esperaram em Jerusalém o cumprimento da promessa do Pai, o derramamento do Espírito. Não esperaram ociosos. Diz o registro que “estavam sempre no templo, louvando e bendizendo a Deus” (Lc 24:53). Reuniram-se também para, em nome de Jesus, apresentar seus pedidos ao Pai. Sabiam que tinham um representante

no Céu, um advogado junto ao trono de Deus. Em solene reverência, ajoelharam-se em oração, repetindo a promessa: “Tudo quanto pedirdes a Meu Pai, em Meu nome, Ele vo-lo há de dar. Até agora nada pedistes em Meu nome; pedi, e recebereis, para que o vosso gozo se cumpra” (Jo 16:23, 24). Mais e mais alto eles estenderam a mão da fé, com o poderoso argumento: “É Cristo quem morreu, ou antes quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós” (Rm 8:34).

Ao esperarem os discípulos pelo cumprimento da promessa, humilharam o coração em verdadeiro arrependimento e confessaram sua incredulidade. Ao trazerem à lembrança as palavras que Cristo lhes havia dito antes de Sua morte, entenderam mais amplamente seu significado. Verdades que lhes tinham escapado à lembrança lhes voltavam à mente, e eles as

repetiam uns aos outros. Reprovavam-se a si mesmos por não haverem compreendido o Salvador. Como numa procissão, cena após cena de Sua maravilhosa vida passou perante eles. Meditando sobre Sua vida pura, santa, sentiram que nenhum trabalho seria árduo demais, nenhum sacrifício demasiado grande, contanto que pudessem testemunhar, na própria vida, da amabilidade do caráter de Cristo. Oh! Se pudessem viver de novo os passados três anos, pensavam, quão diferentemente agiriam! Se pudessem somente ver o Mestre outra vez, com que ardor procurariam mostrar quão profundamente O amavam, e quanto se haviam entristecido por terem-nO ferido com uma palavra ou um ato de incredulidade! Mas estavam confortados com o pensamento de que haviam sido perdoados. Os discípulos oraram com intenso fervor para serem habilitados a se aproximar dos homens, e, em seu trato diário, falar palavras que levassem os pecadores a Cristo. Pondo de parte todas as divergências, todo o desejo de supremacia, uniram-se em íntima comunhão cristã. Aproximaram-se mais e mais de Deus, e fazendo isso sentiram que era um privilégio o ser-lhes dado associar-se tão intimamente com Cristo. A tristeza lhes inundava o coração ao se lembrarem de quantas vezes O haviam mortificado por terem sido tardos de compreensão, falhos em entender as lições que, para seu bem, estivera buscando ensinar-lhes.

Esses dias de preparo foram de profundo exame de coração. Os discípulos sentiram sua necessidade espiritual e suplicaram do Senhor a santa unção que os devia capacitar para o trabalho de salvar almas. Não suplicaram essas bênçãos apenas para si. Sentiam a responsabilidade que lhes cabia nessa obra de salvação de almas. Compreendiam que o evangelho devia ser proclamado ao mundo e reclamavam o poder que Cristo prometera.

Os discípulos oraram com intenso fervor para serem habilitados a se aproximar dos homens, e, em seu trato diário, falar palavras que levassem os pecadores a Cristo.

Durante a era patriarcal, a influência do Espírito Santo tinha sido muitas vezes revelada de maneira muito notável, mas nunca em Sua plenitude. Agora, em obediência à palavra do Salvador, os discípulos faziam suas súplicas por esse dom, e no Céu Cristo acrescentou Sua intercessão. Ele reclamou o dom do Espírito para que pudesse derramá-lo sobre Seu povo.

“Cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; e de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados” (At 2:1, 2). O Espírito veio sobre os discípulos, que expectantes oravam, com uma plenitude que alcançou cada coração. O Ser infinito revelou-Se em poder à Sua igreja. Era como se por séculos esta influência estivesse sendo reprimida, e agora o Céu se regozijasse em poder derramar sobre a igreja as riquezas da graça do Espírito. E, sob a influência do Espírito, palavras de penitência e confissão misturavam-se com cânticos de louvor por pecados perdoados. Eram ouvidas palavras de gratidão e de profecia. Todo o Céu se inclinou na contemplação da sabedoria do incomparável e incompreensível amor. Absortos em admiração, os apóstolos exclamaram: “Nisto está a caridade!” (1Jo 4:10). Eles se apossaram do dom que lhes era repartido. E que se seguiu? A espada do Espírito, de novo afiada com poder e banhada nos relâmpagos do Céu, abriu caminho através da incredulidade. Milhares se converteram num dia.



© Kepemil | Fotolia

Confissão Genuína

Analizando o Conselho Divino

O reavivamento genuíno sempre foi caracterizado pela confissão do pecado. A confissão abre o coração e aplanar o caminho para o poderoso derramamento do Espírito de Deus. Se as avenidas da alma estiverem obstruídas pelo pecado, o Espírito não pode fluir por nosso intermédio para impactar o mundo. O pecado não confessado torna-se um obstáculo para tudo o que Deus deseja fazer por meio de Sua igreja. O sábio Salomão declara: “O que encobre as suas transgressões, nunca prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia” (Pv 28:13). Não prosperaremos espiritualmente a menos que sejamos honestos com nós mesmos e com Deus. O pecado não confessado é o câncer da alma. Antes de o Espírito Santo nos fortalecer e nos dar poder, Ele nos convence e nos instrui. A menos que confessemos os pecados que o Espírito Santo nos indica, o coração se tornará estéril. Se nos recusarmos a ouvir Sua voz pela convicção que Ele nos dá, jamais receberemos o derramamento do Espírito Santo no poder da chuva serôdia.

Quando os discípulos se reuniram no Cenáculo e buscaram fervorosamente a Deus em oração, compreenderam de maneira clara a necessidade que tinham de confessar honestamente seus pecados a Deus e, se necessário, uns aos outros. “Após a ascensão de Cristo, o Espírito Santo não desceu imediatamente. Decorreram dez dias depois de Sua ascensão até que fosse concedido o Espírito Santo. Esse tempo foi pelos discípulos dedicado à mais diligente preparação para o recebimento dessa tão preciosa dotação. Os ricos tesouros do Céu foram vertidos sobre eles depois de haverem examinado diligentemente o próprio coração e renunciado a todo ídolo. Achavam-se diante de Deus, humilhando sua alma, fortalecendo sua fé, confessando seus pecados” (*Este Dia Com Deus* [MM 1980], p. 8). Antes do derramamento do Espírito Santo, foi necessária uma obra de preparação. “Ao esperarem os discípulos pelo cumprimento da promessa, humilharam o coração em verdadeiro arrependimento e confessaram sua incredulidade” (*Atos dos Apóstolos*, p. 36). Se os próprios discípulos de Cristo necessitavam preparar o coração para a chuva temporã, a fim de iniciarem a proclamação do evangelho no poder pentecostal, quanto mais necessitamos nós hoje de tal preparo nesta hora final e culminante da história da Terra! Se eles necessitavam dedicar tempo à oração, meditação, arrependimento e confissão, muito mais necessitamos nós hoje. Se o pecado obstruiu o caminho para um poderoso derramamento do Espírito Santo naquela ocasião, certamente fará o mesmo agora. Se a confissão preparou o coração dos discípulos para receber o Espírito Santo, preparará nosso coração também.

Os ricos tesouros do Céu foram vertidos sobre eles depois de haverem examinado diligentemente o próprio coração e renunciado a todo ídolo.

Confessando pecados específicos

O serviço do santuário no Antigo Testamento nos proporciona uma lição vital sobre a natureza da confissão. O livro de Levítico assim descreve o que acontecia quando os israelitas sentiam a culpa pelos pecados e traziam as ofertas ao santuário: “Será, pois, que, sendo culpado numa destas coisas, confessará aquilo em que pecou” (Lv 5:5). A confissão era sempre algo muito específico. O pecador que levava o cordeiro colocava as mãos sobre a cabeça do animal que seria sacrificado e confessava o pecado que havia cometido. Em seu comentário sobre a importância da confissão, Ellen White declara: “A confissão verdadeira tem sempre caráter específico e faz distinção de pecados. Estes podem ser de natureza que devam ser apresentados a Deus unicamente; podem ser faltas que devam ser confessadas a pessoas que por elas foram ofendidas; ou podem ser de caráter público, devendo então ser confessados com a mesma publicidade. Toda confissão, porém, deve ser definida e sem rodeios, reconhecendo justamente os pecados dos quais sois culpados” (*Caminho a Cristo*, p. 38).

Você já abrigou na mente pensamentos de crítica? Já pronunciou palavras ofensivas e depreciativas? Já foi impaciente ou descortês? Tem sido negligente na guarda do sábado ou infiel na devolução do dízimo? O

O pecado obstrui as artérias do coração espiritual. Corrói as avenidas da alma. Bloqueia a bênção que Deus anseia derramar por nosso intermédio.

pecado obstrui as artérias do coração espiritual. Corrói as avenidas da alma. Bloqueia a bênção que Deus anseia derramar por nosso intermédio. A resposta é a confissão. Ao nos prostrarmos diante de Deus, que é misericordioso e perdoador, e confessarmos os pecados específicos de que o Espírito Santo nos convence, receberemos o perdão e a libertação da culpa. Isso nos leva a duas questões vitais: Quando devemos pedir perdão a alguém a quem tenhamos ofendido? Quando é apropriado confessar os pecados publicamente?

Confessando a Deus e aos outros

Quando devemos confessar os pecados unicamente a Deus? O apóstolo Paulo desejava sempre ter uma “consciência pura diante de Deus e dos homens” (At 24:16). Podemos ter uma consciência limpa ao confessarmos os pecados a Deus. Se, depois de havermos confessado a Deus, ainda persiste o sentimento de culpa, devemos nos fazer esta pergunta: Agi de maneira errada com alguém ou feri alguém de alguma maneira para que o Espírito Santo esteja me guiando a pedir seu perdão? Se discutimos com alguém ou ficamos impacientes ou irados com alguma pessoa, o Espírito Santo nos convence de que devemos pedir perdão. Aqui está um princípio muito importante para determinar se devemos pedir perdão a outra pessoa: Conserta-se uma cerca quando ela está quebrada. Se os atos provocaram uma ruptura ou distância no relacionamento com outra pessoa, pedir perdão pode “consertar a cerca quebrada” desse relacionamento e dar testemunho do poder da graça de Deus operando em sua vida. Se você falou palavras ofensivas e descorteses a respeito de alguém, “conserte a cerca quando estiver quebrada”. Vá até a pessoa de quem falou o que não deveria e tente reparar o dano que causou à reputação dela.

Quando a confissão pública é apropriada? Somente quando os pecados cometidos são

públicos. Se a pessoa deixou de cumprir o voto de compromisso com Cristo e desonrou Seu nome e o nome de Sua igreja, por vezes a confissão pública é apropriada. Embora não seja certamente necessário e seja extremamente desaconselhável entrar em todos os inconvenientes detalhes do pecado, um testemunho de Sua graça e de tristeza pela transgressão e por desagradá-Lo traz cura a nosso coração e à igreja.

Jesus continua sendo um Salvador perdoador. Ele ainda nos limpa da culpa e da vergonha do pecado. Quando vamos a Ele e honestamente confessamos os pecados, o coração está preparado para se tornar a habitação de Seu Santo Espírito. Para ajudá-lo a ter o coração como morada do Espírito Santo, ajoelhe-se e ore fazendo a você mesmo as seguintes perguntas:

1. Há alguma coisa em minha vida que me impede de receber o derramamento do Espírito Santo?
2. Há algum pecado profundamente acariciado dentro de mim que ainda não confessei nem abandonei?
3. Há alguém a quem tenha magoado ou ofendido e lhe deva pedir perdão?
4. Aceitei plenamente o perdão de Deus ou ainda abrigo sentimentos de culpa desnecessariamente?
5. Confio verdadeiramente que Jesus perdoa os pecados?

Refletindo Sobre o Conselho Divino

Leia atentamente o seguinte texto extraído do livro *Atos dos Apóstolos*, páginas 38-45:

O Espírito veio sobre os discípulos, que expectantes oravam, com uma plenitude que alcançou cada coração. O Ser infinito revelou-Se em poder à Sua igreja. Era como se por séculos esta influência estivesse sendo reprimida, e agora o Céu se regozijasse em poder derramar sobre a igreja as riquezas da graça do Espírito. E, sob a influência do Espírito, palavras de penitência e confissão misturavam-se com cânticos de louvor por

pecados perdoados. Eram ouvidas palavras de gratidão e de profecia. Todo o Céu se inclinou na contemplação da sabedoria do incomparável e incompreensível amor. Absortos em admiração, os apóstolos exclamaram: “Nisto está a caridade!” (1Jo 4:10). Eles se apossaram do dom que lhes era repartido. E que se seguiu? A espada do Espírito, de novo afiada com poder e banhada nos relâmpagos do Céu, abriu caminho através da incredulidade. Milhares se converteram num dia.

Disse Cristo a Seus discípulos: “Digo-vos a verdade, que vos convém que Eu vá; porque, se Eu

não for, o Consolador não virá a vós; mas, se Eu for, enviar-vos-ei.” “Mas, quando vier aquele Espírito de verdade, Ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de Si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir” (Jo 16:7, 13).

A ascensão de Cristo ao Céu foi, para Seus seguidores, um sinal de que estavam para receber a bênção prometida. Por ela deviam esperar antes de iniciarem a obra que lhes fora ordenada. Ao transpor as portas celestiais, foi Jesus entronizado em meio à adoração dos anjos. Tão logo foi esta cerimônia concluída, o Espírito Santo desceu em ricas torrentes sobre os discípulos, e Cristo foi de fato glorificado com aquela glória que tinha com o Pai desde toda a eternidade. O derramamento pentecostal foi uma comunicação do Céu de que a confirmação do Redentor havia sido feita. De conformidade com Sua promessa, Jesus enviara do Céu o Espírito Santo sobre Seus seguidores, em sinal de que Ele, como Sacerdote e Rei, recebera todo o poder no Céu e na Terra, tornando-Se o Ungido sobre Seu povo.

Esta diversidade de línguas teria sido um grande embaraço à proclamação do evangelho; Deus, portanto, de maneira miraculosa, supriu a deficiência dos apóstolos.

“E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem” (At 2:3, 4). O Espírito Santo, assumindo a forma de línguas de fogo, repousou sobre a assembleia. Isto era um emblema do dom então outorgado aos discípulos, o qual os capacitava a falar com fluência línguas com as quais não tinham nunca tomado contato. A aparência de fogo significava o zelo fervente com que os apóstolos trabalhariam e o poder que assistiria à sua obra.

“E em Jerusalém estavam habitando judeus, varões religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu” (At 2:5). Durante a dispersão, os judeus tinham sido espalhados por quase todas as partes do mundo habitado, e em seu exílio tinham aprendido a falar várias línguas. Muitos desses judeus estavam nessa ocasião em Jerusalém assistindo às festas religiosas que então se realizavam. Cada língua conhecida estava por eles representada. Esta diversidade de línguas teria sido um grande embaraço à proclamação do evangelho; Deus, portanto, de maneira miraculosa, supriu a deficiência dos apóstolos. O Espírito Santo fez por eles o que não teriam podido fazer por si mesmos em toda uma existência. Agora podiam proclamar as verdades do evangelho em toda parte, falando com perfeição a língua daqueles por quem trabalhavam. Este miraculoso dom era para o mundo uma forte evidência de que o trabalho deles levava o sinete do Céu. Daí por diante a linguagem dos discípulos era pura, simples e acurada, falassem eles no idioma materno ou numa língua estrangeira.

“E, correndo aquela voz, ajuntou-se uma multidão, e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua. E todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo uns aos outros: Pois quê! não são galileus todos esses homens que estão falando? Como pois os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos?” (At 2:6-8).

Os sacerdotes e príncipes estavam excessivamente enraivecidos ante essa manifestação extraordinária, mas não ousavam demonstrar sua má disposição, por temor de se exporem à violência do povo. Tinham assassinado o Nazareno; mas eis que ali estavam os Seus servos, indoutos da Galileia, contando em todas as línguas então faladas a história de Sua vida e ministério. Os sacerdotes, resolvidos a atribuir o poder miraculoso dos discípulos a alguma causa natural, declararam estarem eles embriagados por terem bebido demais do vinho

Daí por diante a linguagem dos discípulos era pura, simples e acurada, falassem eles no idioma materno ou numa língua estrangeira.

novo preparado para o banquete. Alguns dos mais ignorantes dentre o povo creram na acusação, mas os mais inteligentes sabiam ser isto falso; e os que compreendiam as diferentes línguas testificavam da correção com que eram usadas pelos discípulos.

Em resposta à acusação dos sacerdotes, Pedro mostrou que esta demonstração era um direto cumprimento da profecia de Joel, onde é predita a descida de tal poder sobre homens a fim de habilitá-los para uma obra especial. “Varões judeus, e todos os que habitais em Jerusalém”, disse ele, “seja-vos isto notório, e escutai as minhas palavras. Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, sendo a terceira hora do dia. Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do Meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, e os vossos mancebos terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos; e também do Meu Espírito derramarei sobre os Meus servos e Minhas servas naqueles dias, e profetizarão” (At 2:14-18).

Com clareza e poder, Pedro testificou da morte e ressurreição de Cristo: “Varões israelitas, escutai estas palavras: A Jesus Nazareno, varão aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais, que Deus por Ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis; a Este [...] crucificastes e matastes pelas mãos de injustos; ao qual Deus ressuscitou,

Senhor, porque está à Minha direita, para que Eu não seja comovido; por isso se alegrou o Meu coração, e a Minha língua exultou; e ainda a Minha carne há de repousar em esperança; pois não deixarás a Minha alma no Hades, nem permitirás que o Teu santo veja a corrupção” (At 2:25-27).

“Varões irmãos, seja-me lícito dizer-vos livremente acerca do patriarca Davi, que ele morreu e foi sepultado, e entre nós está até hoje a sua sepultura. [Ele] disse da ressurreição de Cristo, que a Sua alma não foi deixada no Hades, nem a Sua carne viu a corrupção. Deus ressuscitou a este Jesus, do que todos nós somos testemunhas” (At 2:29, 31-32).

É uma cena cheia de interesse. Eis o povo afluindo de todas as direções para ouvir os discípulos testificarem da verdade como é em Jesus. Eles se acotovelam, lotando o templo. Sacerdotes e príncipes estão presentes, fisionomias carregadas de sombria malignidade, o coração ainda cheio de permanente ódio contra Cristo, as mãos maculadas com o sangue do Redentor do mundo, sangue esse derramado quando O crucificaram. Pensavam encontrar os apóstolos acovardados e temerosos sob a mão forte da opressão e assassinio, mas encontraram-nos acima de todo o temor, cheios do Espírito, proclamando com poder a divindade de Jesus de Nazaré. Ouvem-nos declarando com ousadia que Aquele tão recentemente humilhado, escarnecido, ferido

Eles compreendiam com perfeita clareza o objetivo da missão de Cristo e a natureza de Seu reino. Puderam falar com poder a respeito do Salvador; e ao desdobrarem perante seus ouvintes o plano da salvação, muitos ficavam convictos.

soltas as ânsias da morte, pois não era possível que fosse retido por ela” (At 2:22-24).

Pedro não se referiu aos ensinamentos de Cristo a fim de justificar sua atitude, porque sabia que o preconceito de seus ouvintes era tal que suas palavras sobre o assunto seriam de nenhum efeito. Em vez disso falou de Davi, que era considerado pelos judeus como um dos patriarcas da nação. “Porque”, declarou, “dEle disse Davi: Sempre via diante de Mim o

por mãos cruéis e crucificado é o Príncipe da vida, agora exaltado à mão direita de Deus.

Alguns dos que ouviam os apóstolos tinham tomado parte ativa na condenação e morte de Cristo. Suas vozes tinham-se misturado com a da turba, pedindo Sua crucificação. Quando Jesus e Barrabás foram colocados perante eles no tribunal, e Pilatos perguntou: “Qual quereis que vos solte?” (Mt 27:17, ARC) eles clamaram: “Este não, mas Barrabás” (Jo 18:40). Quando

Pilatos lhes apresentou Cristo, dizendo: “Tomai-O vós, e crucificai-O; porque eu nenhum crime acho nEle” (Jo 19:6), “Estou inocente do sangue dEste justo,” eles exclamaram: “O Seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos” (Mt 27:24, 25).

Agora eles ouviam os discípulos declararem que era o Filho de Deus que havia sido crucificado. Sacerdotes e príncipes tremeram. Um sentimento de convicção e angústia se apoderou do povo. “E, ouvindo eles isto, compungiram-se em seu coração, e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, varões irmãos?” (At 2:37). Entre os ouvintes dos discípulos havia judeus devotos, sinceros em sua fé. O poder que acompanhou as palavras de Pedro convenceu-os de que Jesus era de fato o Messias.

“E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo; porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe; a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar” (At 2:38, 39).

Pedro deixou claro ao povo convicto o fato de que haviam rejeitado a Cristo por terem sido enganados pelos sacerdotes e príncipes; e que se eles continuassem a buscar conselho desses

homens, e esperassem por eles para reconhecerem a Cristo em vez de ousar fazê-lo por si mesmos, jamais O aceitariam. Esses homens poderosos, embora fazendo profissão de piedade, eram ambiciosos de riquezas e glórias terrestres. Não desejavam ir a Cristo para receber esclarecimento.

Sob a influência desta celestial iluminação, as passagens da Escritura que Cristo tinha explanado aos discípulos apresentavam-se perante eles com o brilho da verdade perfeita. O véu que os impedia de ver o fim do que fora abolido estava agora removido, e eles compreendiam com perfeita clareza o objetivo da missão de Cristo e a natureza de Seu reino. Puderam falar com poder a respeito do

Salvador; e ao desdobrarem perante seus ouvintes o plano da salvação, muitos ficavam convictos [...]. As tradições e superstições inculcadas pelos sacerdotes eram varridas de sua mente, e os ensinamentos do Salvador, aceitos.

“De sorte que foram batizados os que de bom grado receberam a sua palavra; e naquele dia agregaram-se quase três mil almas” (At 2:41).

Os líderes judeus tinham imaginado que a obra de Cristo terminaria com Sua morte; mas, em vez disto, testemunharam as maravilhosas cenas do dia do Pentecostes. Ouviam os discípulos dotados de poder e energia até então desconhecidos pregando a Cristo, suas palavras confirmadas por sinais e maravilhas. Em Jerusalém, o baluarte do judaísmo, milhares declararam abertamente sua fé em Jesus de Nazaré como o Messias.

Os discípulos estavam assombrados e sobremaneira jubilosos com a abundante colheita de almas. Eles não consideravam essa maravilhosa colheita

como resultado de seus próprios esforços; sabiam que estavam entrando no trabalho de outros homens. Desde a queda de Adão, Cristo estivera confiando a servos escolhidos a semente de Sua Palavra, para ser lançada nos corações humanos. Durante

Sua vida na Terra, Ele semeara a semente da verdade e regara-a com Seu sangue. As conversões havidas no dia do Pentecostes foram o resultado dessa semente, a colheita da obra de Cristo, revelando o poder de Seus ensinamentos.

Os argumentos dos apóstolos somente, conquanto convincentes e claros, não haveriam removido o preconceito que resistira a tanta evidência. Mas o Espírito Santo com divino poder convenceu o coração pelos argumentos. As palavras dos apóstolos eram como afiadas setas do Todo-Poderoso, convencendo os homens de sua terrível culpa em haverem rejeitado e crucificado o Senhor da glória.

As conversões havidas no dia do Pentecostes foram o resultado dessa semente, a colheita da obra de Cristo, revelando o poder de Seus ensinamentos.



Unidos em Amor

Analizando o Conselho Divino

Há algum tempo, logo no início de meu ministério, fui convidado para realizar uma semana de ênfase espiritual numa escola fundamental cristã. No decorrer da semana, tornou-se óbvio para mim que dois professores estavam enfrentando um sério conflito. As atitudes negativas de um contra o outro vinham constantemente à tona nas reuniões do grupo. Se um dava uma ideia, o outro se opunha. Quando os dois estavam presentes a uma reunião, o ar ficava tenso. Era evidente que não gostavam mesmo um do outro.

Quase no fim da semana, preguei a respeito da extraordinária oração intercessora de Cristo em

João 17. Jesus estava prestes a deixar Seus discípulos. Em breve Ele seria traído e crucificado. Iria logo depois levantar-Se da tumba e ascender ao Pai. Essa fervorosa oração reflete o que estava em Seu coração. Revela o que estava em Sua mente mesmo antes de Sua morte na cruz. O Salvador estava preocupado com a unidade da igreja. E então Ele orou: “A fim de que todos sejam um; e como és Tu, ó Pai, em Mim e Eu em Ti, também sejam eles em Nós; para que o mundo creia que Tu Me enviaste” (Jo 17:21). O anseio de Cristo era de que não mais houvesse dissensão, ciúme, luta pela supremacia e

conflito entre Seus discípulos. Ele orou para que ao se manterem unidos, a despeito de todas as diferenças, revelassem ao mundo o poder de Seu amor.

O anseio de Cristo era de que não mais houvesse dissensão, ciúme, luta pela supremacia e conflito entre Seus discípulos.

Ao partilhar os anseios do coração de Jesus com aqueles alunos e professores, algo extraordinário aconteceu. Programamos para a última noite da semana de ênfase espiritual a celebração da cerimônia do lava-pés e da Santa Ceia. O Espírito Santo entrou em ação. Deus agiu poderosamente. Os dois professores que estavam em discórdia ajoelharam-se e lavaram os pés um do outro. O Espírito de Deus derubou as barreiras. Eles se abraçaram, confessaram as atitudes negativas e oraram juntos.

O desejo de supremacia foi banido

Antes do Pentecostes, os discípulos também abrigavam ambições egoístas. Movida pelo desejo de supremacia dos filhos, a mãe de Tiago e João apelou a Jesus para que desse a cada um deles um lugar de destaque naquele que supunham ser muito em breve Seu reino terrestre.

Os discípulos não pediram uma bênção para si. Arcavam sob o peso da preocupação pelos perdidos.

“Ela respondeu: ‘Manda que, no Teu reino, estes meus dois filhos se assentem, um à Tua direita, e o outro à Tua esquerda’” (Mt 20:21). Esse pedido, é claro, levou ao ciúme e à desunião entre os outros discípulos. Eles simplesmente não estavam prontos para o derramamento do Espírito Santo na dimensão do Pentecostes. Essa era uma das principais razões pelas quais

Jesus instou com eles para passarem dez dias reunidos em oração no Cenáculo. Isso porque a unidade deve preceder ao derramamento do Espírito Santo.

Ao buscarem a Deus em oração, o Espírito Santo uniu-os coração a coração no amor de Cristo. O relato do livro de Atos registra ainda: “Todos estes perseveravam unânimes em oração, com as mulheres, com Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos dEle” (At 1:14). E continua em Atos 2:1: “Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar.” Em seu comentário sobre a experiência dos discípulos no Cenáculo, Ellen White declara:

É importante notar que só depois de haverem os discípulos entrado em união perfeita, quando não mais contendiam por posições mais elevadas, foi o Espírito derramado. Estavam unânimes. Todas as divergências haviam sido postas de lado. E o testemunho dado a seu respeito depois de derramado o Espírito é o mesmo. Note a expressão: “Era um o coração e a alma da multidão dos que criam” (At 4:32). O Espírito dAquele que morreu para que os pecadores vivessem dirigia a inteira congregação de crentes.

Os discípulos não pediram uma bênção para si. Arcavam sob o peso da preocupação pelos perdidos. O evangelho devia ser levado aos confins da Terra, e reclamaram a dotação do poder que Cristo prometera. Foi então derramado o Espírito Santo e milhares se converteram num dia (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 8, p. 20, 21).

Durante aqueles dez dias no Cenáculo, os discípulos confessaram até mesmo as pequeninas diferenças que tinham entre si. Eles se arrependeram de seu ciúme e de seu orgulho. O coração estava cheio de amor pelo Cristo que deu Sua vida por eles e que estava à direita do Pai intercedendo em favor

deles. As ambições egoístas foram consumidas em seu amor por Ele. Os discípulos descobriram que “a união com Cristo estabelece um vínculo de união entre si. Essa união é a mais convincente prova perante o mundo da majestade e virtude de Cristo e de Seu poder para tirar o pecado” (Ellen G. White *Comments, The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, v. 5, p. 1148).

A base da unidade na Bíblia

Isso nos leva a algumas perguntas práticas relacionadas à unidade. A unidade significa que não há diferenças de opinião? Como os discípulos, com disposições e personalidades tão distintas, puderam participar da completa unidade? A unidade implicaria na fusão de diferentes personalidades em algum tipo de unidade divina de pensamento? Qual é a base de toda a unidade da igreja cristã? A seguir estão cinco princípios fundamentais que formam a base da unidade de que falou Jesus:

Quando os discípulos dedicaram tempo buscando a Deus em oração, o Espírito Santo impressionou sua mente com o fato de que eles tinham o Criador, o Redentor, a herança, a mensagem e a missão em comum.

1. Temos um Criador em comum. Deus fez todas as nações de um só sangue. Somos todos um pelo fato de termos um Pai em comum. Ele nos criou (At 17:26).
2. Temos um Redentor em comum. Somos um pelo fato de que foi Ele quem nos redimiu (Ef 2:14-22).
3. Temos uma herança em comum. Fazemos parte do corpo de Cristo, concedido por Deus para o serviço. Alguns têm dons maiores do que outros, mas todo crente tem dons que são valiosos para a edificação do corpo de Cristo (1Co 12:4-11, 18-21).
4. Temos uma mensagem em comum. Os discípulos estavam unidos pela mensagem em comum da verdade presente que os distinguia do mundo (Ef 4:12, 13; Ap 14:6-12).

Todo crente tem dons que são valiosos para a edificação do corpo de Cristo.

5. Temos uma missão em comum. Os discípulos estavam unidos com o auxílio da Grande Comissão dada por Cristo para alcançar o mundo com o evangelho. As ambições egoístas, o orgulho e o desejo de supremacia foram consumidos no altar do compromisso de levar o evangelho ao mundo (Mt 28:18-20).

Quando os discípulos dedicaram tempo buscando a Deus em oração, o Espírito Santo impressionou sua mente com o fato de que eles tinham o Criador, o Redentor, a herança, a mensagem e a missão em comum. As coisas que os uniam eram muito maiores do que aquelas que os poderiam separar. E eles descobriram que as coisas que os separavam não eram tão importantes afinal. Ellen White assim descreve essa unidade por eles vivenciada:

Havia nesses primeiros discípulos frisante diversidade. Eles deviam ser ensinadores do mundo e representavam amplamente variados tipos de caráter. Para conduzir com êxito a obra para a qual haviam sido chamados, esses homens, diferindo em características naturais e em hábitos de vida, necessitavam chegar à unidade de sentimentos, pensamento e ação. Esta unidade Cristo tinha por objetivo assegurar. Para alcançar este fim Ele procurou mantê-los em união consigo próprio. A responsabilidade que Ele sentia em Sua obra por eles é expressa em Sua oração ao Pai: “Para que todos sejam um, como Tu, ó Pai, o és em Mim, e Eu em Ti; que também eles sejam um em Nós.” “Para que o mundo conheça que Tu Me enviaste a Mim, e que os tens amado a eles como Me tens amado a Mim” (Jo 17:21, 23).

Sua constante oração por eles era que fossem santificados pela verdade; e Ele orou com segurança, sabendo que um decreto da parte do Todo- Poderoso tinha sido feito antes que o mundo tivesse vindo à existência. Sabia que o evangelho do reino devia ser pregado a todas as nações para testemunho; que a verdade armada com a onipotência do Santo Espírito seria vitoriosa na batalha contra o mal, e que a bandeira sangrenta um dia haveria de tremular triunfante sobre Seus seguidores (*Atos dos Apóstolos*, p. 20, 21).

A frase “unidade de sentimentos, pensamento e ação” é uma expressão fascinante. O que significa precisamente uma unidade de sentimentos, de pensamento e ação? A unidade de sentimentos refere-se ao amor genuíno e ao respeito mútuo. A despeito de suas diferenças de personalidade, por meio de Cristo esses primeiros cristãos tinham um amor uns pelos outros que era evidente para aqueles que os observavam. O apóstolo João aconselhou os crentes com estas palavras: “Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus” (1Jo 4:7). A unidade de pensamento refere-se a um sistema básico de crenças em comum. Os discípulos estavam unidos em Cristo e em Seus ensinamentos. A confiança em Seus ensinamentos os unia. A compreensão da verdade que Ele ensinou os unia. A aceitação das doutrinas por Ele defendidas mantinha-os em um foco comum. A unidade de ação refere-se à compreensão e aceitação da sua missão. Os discípulos estavam focados na conclusão da tarefa que o Mestre

A despeito de suas diferenças de personalidade, por meio de Cristo esses primeiros cristãos tinham um amor uns pelos outros que era evidente para aqueles que os observavam.

lhês havia dado. Sua paixão era proclamar a mensagem do amor de Jesus ao mundo. Eles se consumiram compartilhando o evangelho em todos os lugares possíveis. Não permitiam que os diferentes traços de personalidade, pontos de vista e maneiras de ver as coisas ou preferências pessoais se colocassem no caminho do cumprimento da missão dada por Cristo. Isso nos leva a algumas questões essencialmente importantes para a vida. Por que não se ajoelhar e com fervente oração considerar essas cinco questões a seguir? Use-as como um motivo para a oração. Se você estiver estudando este manual em um pequeno grupo, poderá discutir essas perguntas com seus companheiros antes de orar a respeito delas.

1. Há ocasiões em que minhas opiniões pessoais geram conflito em meu lar ou na igreja? O que poderia fazer para reduzir esse conflito?
2. Se mantenho sentimentos de hostilidade em relação a outro membro da igreja, que passos práticos posso dar para reduzir o conflito?
3. Se fui magoado desnecessariamente e estou lutando para reatar o relacionamento com a pessoa que me magoou, como posso tomar a iniciativa para fazer as pazes?
4. Se sou um líder na igreja, o que posso fazer para promover a unidade?
5. Como o envolvimento pessoal na missão promove a unidade da igreja? Estou eu envolvido de alguma maneira na conquista de pessoas para Cristo? Se não, por que não pedir que Jesus me oriente sobre o que Ele deseja que eu faça?



© ianindm | Fotolia

Refletindo Sobre o Conselho Divino

Leia atentamente o seguinte texto extraído do livro *Atos dos Apóstolos*, páginas 44-50:

Desde a queda de Adão, Cristo estivera confiando a servos escolhidos a semente de Sua Palavra, para ser lançada nos corações humanos. Durante Sua vida na Terra, Ele semeara a semente da verdade e regara-a com Seu sangue. As conversões havidas no dia do Pentecostes foram o resultado dessa semeadura, a colheita da obra de Cristo, revelando o poder de Seus ensinamentos.

Os argumentos dos apóstolos somente, conquanto convincentes e claros, não haveriam removido o preconceito que resistira a tanta evidência. Mas o Espírito Santo com divino poder convenceu o coração pelos argumentos. As palavras dos apóstolos eram como afiadas setas do Todo-Poderoso, convencendo os homens de sua terrível culpa em haverem rejeitado e crucificado o Senhor da glória.

Sob a influência dos ensinamentos de Cristo, os discípulos tinham sido induzidos a sentir sua necessidade do Espírito. Mediante a instrução do Espírito receberam a habilitação final, saindo no desempenho de sua vocação. Não mais eram ignorantes e iletrados. Haviam deixado de ser um grupo de unidades independentes ou elementos discordantes em conflito. Sua esperança não mais repousava sobre a grandeza terrestre. Todos eram “unânimes” (At 2:46) e “era um o coração e a alma da multidão dos que criam” (At 4:32). Cristo lhes enchia os pensamentos; e visavam ao avançamento de Seu reino. Na mente e no caráter haviam-se tornado semelhantes a seu Mestre, e os homens “tinham conhecimento que eles haviam estado com Jesus” (At 4:13).

O Pentecostes trouxe-lhes uma iluminação celestial. As verdades que não puderam compreender enquanto Cristo estava com

eles eram agora reveladas. Com uma fé e certeza que nunca antes conheceram, aceitaram os ensinamentos da Sagrada Palavra. Não mais lhes era questão de fé ser Cristo o Filho de Deus. Sabiam que, ainda que revestido da humanidade, Ele era de fato o Messias, e contaram sua experiência ao mundo com uma confiança que inspirava a convicção de que Deus estava com eles.

Eles podiam falar no nome de Jesus com segurança; pois não era Ele seu Amigo e Irmão mais velho? Levados em íntima comunhão com Cristo, assentaram-se com Ele nos lugares celestiais. Com que abrasante linguagem vestiam suas ideias quando testificavam dEle! Seus corações estavam sobrecarregados com benevolência tão ampla, tão profunda, de tão vasto alcance que foram impelidos a ir aos confins da Terra, testificando do poder de Cristo. Foram cheios de um intenso desejo de levar avante a obra que Ele tinha iniciado. Sentiram a enormidade de seu débito para com o Céu, e a responsabilidade de sua obra. Fortalecidos pela concessão do Espírito Santo, saíram com zelo para estender os triunfos da cruz. O Espírito animava-os, e falava por intermédio deles. A paz de Cristo brilhava em suas faces. Tinham-Lhe consagrado a vida para serviço, e seu próprio semblante evidenciava a entrega que haviam feito.

Quando Cristo fez a Seus discípulos a promessa do Espírito, estava Ele Se aproximando do fim de Seu ministério terrestre. Estava à sombra da cruz, com plena consciência do peso da culpa que havia de repousar sobre Ele como o portador do pecado. Antes de Se oferecer como a vítima sacrificial, instruiu Seus discípulos com respeito a um dom muito essencial e completo que ia conceder a Seus

O Pentecostes trouxe-lhes uma iluminação celestial. As verdades que não puderam compreender enquanto Cristo estava com eles eram agora reveladas.

seguidores – o dom que haveria de pôr-lhes ao alcance os ilimitados recursos de Sua graça. “Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro consolador, para que fique convosco

para sempre; o Espírito de verdade, que o mundo não pode receber, porque não O vê, nem O conhece: mas vós O conheceis, porque habita convosco, e estará em vós” (Jo 14:16, 17). O Salvador estava apontando para o futuro, ao tempo em que o Espírito Santo deveria vir para fazer uma poderosa obra como Seu representante. O mal que se vinha acumulando por séculos devia ser resistido pelo divino poder do Espírito Santo.

Qual foi o resultado do derramamento do Espírito no dia do Pentecostes? As boas-novas de um Salvador ressuscitado foram levadas até as mais longínquas partes do mundo habitado. À medida que os discípulos proclamavam a mensagem da graça redentora, os corações se entregavam ao poder da mensagem. A igreja viu conversos vindo para ela de todas as direções. Extraviados converteram-se de novo. Pecadores uniram-se aos crentes em busca da Pérola de grande preço. Alguns que haviam sido os mais ferrenhos inimigos do evangelho tornaram-se seus campeões. Cumpriu-se a profecia: “O que dentre eles tropeçar [...] será como Davi, e a casa de Davi [...] como o anjo do Senhor” (Zc 12:8). Cada cristão via em seu irmão uma revelação do amor e benevolência divinos.

A igreja viu conversos vindo para ela de todas as direções.

Só um interesse prevalecia; um elemento de emulação absorveu todos os outros. A ambição dos crentes era revelar a semelhança do caráter de Cristo, bem como trabalhar pelo desenvolvimento de Seu reino.

“E os apóstolos davam, com grande poder, testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça” (At 4:33). Pelas suas atividades agregaram-se à igreja homens escolhidos que, recebendo a palavra da verdade, consagraram a vida à obra de levar aos outros a esperança que lhes enchia o coração de paz e satisfação. Não podiam ser reprimidos nem intimidados por ameaças. O Senhor falava por seu intermédio e, à medida que iam de lugar a lugar, o evangelho era pregado aos pobres

e manifestavam-se milagres da divina graça. Deus pode atuar tão poderosamente quando os homens se entregam ao controle de Seu Espírito.

A promessa do Espírito Santo não é limitada a alguma época ou etnia. Cristo declarou que a divina influência de Seu Espírito estaria com Seus seguidores até o fim. Desde o dia do Pentecostes até o presente, o Confortador tem sido enviado a todos os que se rendem inteiramente ao Senhor e a Seu serviço. A todos os que aceitam a Cristo como um Salvador pessoal, o Espírito Santo vem como consolador, santificador, guia e testemunha. Quanto mais intimamente os crentes andam com Deus, tanto mais clara e poderosamente testificam do amor do Redentor e da Sua graça salvadora. Os homens e mulheres que através dos longos séculos de perseguição e prova desfrutaram, em larga escala, a presença do Espírito em sua vida permaneceram como sinais e maravilhas no mundo. Revelaram, diante dos anjos e dos homens, o transformador poder do amor que redime.

Os que no Pentecostes foram dotados com poder do alto não ficaram, por isso, livres de tentações e provas. Enquanto testemunhavam da verdade e da justiça, eram repetidamente assediados pelo inimigo de toda a verdade, o qual procurava roubá-los de sua experiência cristã. Eram compelidos a lutar com todas as faculdades dadas por Deus a fim de alcançarem a estatura de homens e mulheres em Cristo Jesus. Diariamente oravam por novos suprimentos de graça para que pudessem subir mais e mais na escala da perfeição. Sob a operação do Espírito Santo, mesmo os mais fracos, pelo exercitar fé em Deus, aprendiam a melhorar as faculdades conseguidas e a se tornarem santificados, refinados e enobrecidos. Ao se submetem em humildade à modeladora influência do Espírito Santo, recebiam a plenitude da Divindade e eram modelados à semelhança do divino.

Os que no Pentecostes foram dotados com poder do alto não ficaram, por isso, livres de tentações e provas.



© B-C-designs | Fotolia

Examinando a Consciência

Analizando o Conselho Divino

O Pentecostes era o momento certo, e os discípulos estavam preparados. Jesus havia subido ao Céu para Seu Pai. Seu sacrifício fora aceito diante do trono de Deus. Então Ele recebeu do Pai o prometido Espírito Santo para que Seus discípulos na Terra cumprissem a missão que lhes fora dada por Deus. Eles seguiram o conselho do Senhor. Eles O buscaram em oração. Eles experimentaram o arrependimento sincero e confessaram pecados específicos que o Espírito Santo lhes trouxe à mente. Durante aqueles dez dias no Cenáculo, vivenciaram a unidade cristã. Lucas relata que “da multidão dos que creram era um o coração e a alma”. Os ciúmes corriqueiros foram deixados de lado. As discórdias e distanciamentos foram banidos. Os conflitos pessoais foram resolvidos. As barreiras foram derrubadas.

Embora a Bíblia não nos dê um relato detalhado do que realmente aconteceu no Cenáculo, ela nos provê informações suficientes para desenvolvermos um esboço do que ali ocorreu. O dom de profecia para nossos dias nos ajuda a completar

os detalhes desse esboço e lança luz sobre o relato bíblico. Um dos detalhes essencialmente importantes que Ellen G. White nos dá é que “esses dias de preparo foram de profundo exame de coração. Os discípulos sentiram sua necessidade espiritual e suplicaram do Senhor a santa unção que os devia capacitar para o trabalho de salvar almas” (*Atos dos Apóstolos*, p. 37). Os dez dias no Cenáculo foram de profunda análise do coração. Aqueles foram dias de reflexão e exame de consciência. “Depois da ascensão de Cristo, os discípulos reuniram-se em um lugar a fim de suplicar humildemente a Deus. E, após dez dias de esquadrihar o coração e examinar a si mesmos, estava preparado o caminho para o Espírito Santo preencher o templo da alma limpo e consagrado” (*Evangelismo*, p. 698). Os discípulos queriam estar seguros de que não haveria nenhuma atitude ou hábitos em sua vida que impedissem o derramamento do Espírito Santo. Dedicaram tempo para examinar o coração. Queriam estar certos de que seus motivos eram puros.

Esquadrinhando o coração

Em toda a Bíblia, Deus nos aconselha a dedicar tempo para examinar o coração. O apóstolo Paulo assim nos adverte: “Atentando, diligentemente, por que ninguém seja faltoso, separando-se da graça de Deus; nem haja alguma raiz de amargura que, brotando, vos perturbe, e, por meio dela, muitos sejam contaminados” (Hb 12:15). As raízes produzem brotos, e os brotos produzem frutos. Se há alguma raiz de amargura no coração, nele brotarão a ira, a crítica, a maledicência, a intriga, trazendo como resultado o trágico fruto de um relacionamento desfeito. Todas as raízes pecaminosas produzirão finalmente desagradáveis frutos.

Se há alguma raiz de amargura no coração, nele brotarão a ira, a crítica, a maledicência, a intriga, trazendo como resultado o trágico fruto de um relacionamento desfeito.

Há muitos anos, minha esposa e eu visitamos o Forte Ticonderoga, em New Hampshire. Esse forte da Guerra de Independência Americana foi um quartel militar nos anos de 1775 a 1779. Sabendo que alguns turistas sempre encontravam pontas de flecha perto dos muros do forte, perguntei ao nosso guia onde podíamos procurar. Ele sorriu e calmamente respondeu: “Junto ao portão principal.” Fiquei um tanto surpreso. Como poderia haver pontas de flechas ali quando milhares de pessoas entravam pelo portão principal a cada ano? Como não as encontraram antes? O guia nos explicou que a melhor época para encontrar pontas de flechas era quando o degelo da primavera as trazia à superfície após o longo inverno da Nova Inglaterra. Tenho pensado por várias vezes na explicação dada pelo guia. As flechas estavam a poucos centímetros abaixo da superfície, mas era necessário o calor do degelo da primavera para que aparecessem. Não estariam as pontas de flechas do pecado escondidas bem pouco abaixo da superfície do seu coração para que tão só as suaves chuvas do Espírito Santo pudessem

O exame de consciência pode nem sempre ser a experiência mais agradável, mas é absolutamente necessário.

fazê-las aparecer? O rei Davi assim orou: “Examine-me, Senhor, e prova-me; sonda-me o coração e os pensamentos. Pois a Tua benignidade, tenho-a perante os olhos e tenho andado na Tua verdade” (Sl 26:2, 3).

Quando vemos o misericordioso amor de Deus e observamos a pureza de Seu caráter, reconhecemos nossas fraquezas, deficiências e pecados. Nós nos humilhamos de coração e nos prostramos humildemente diante da resplandecente luz de Seu incondicional amor e de Sua perfeição. Somos levados a uma profunda confissão e arrependimento. Clamamos a Ele pela salvação e justiça que somente Ele pode nos dar. Quando nos sentimos oprimidos por compreender Sua pureza e santidade, clamamos em alta voz como o profeta Isaías: “Ai de mim! Estou perdido!” (Is 6:5). O exame de consciência pode nem sempre ser a experiência mais agradável, mas é absolutamente necessário. Nesse autoexame, perguntamos a Deus: “Há alguma coisa em minha vida que não esteja em harmonia com a Tua vontade?” E então oramos: “Senhor, revela-me as atitudes profundamente arraigadas dentro de mim que me impedem de ser semelhante a Jesus.”

Um exemplo prático de exame de consciência

Ellen White nos dá um exemplo prático da necessidade do exame de consciência. “Semelhantemente, na família, se algum membro estiver perdido para Deus, deve ser empregado todo meio possível para recuperá-lo. Por parte de todos, haja um diligente e cuidadoso exame próprio. Observem-se os costumes de vida. Vede se não se comete uma falta ou erro no governo do lar, pelo qual se confirme na impenitência” (*Parábolas de Jesus*, p. 194). Às vezes, o autoexame pode ser doloroso. O Espírito Santo pode revelar coisas a nosso respeito que antes não conhecíamos. Traços de caráter dos

quais não tínhamos consciência podem ser trazidos à tona. O Senhor não revelará essas características não cristãs para nos desanimar. Ele as revela para que possamos confessá-las e entregá-las a Ele para recebermos Seu perdão e a purificação. Ele deseja curar os relacionamentos partidos. Anseia transformar nossa vida e dar-nos um futuro cheio de esperança. Deseja substituir a ansiedade que carregamos por causa dos erros do passado pela confiança em Sua direção no presente. Se temos cometido erros na criação dos filhos, vamos confessá-los a Deus e pedir-Lhe que nos capacite para fazer as mudanças que devem ser feitas. Se for necessário, vamos conversar com os adolescentes sobre os erros que cometemos e peçamos perdão a eles.

O propósito do autoexame é descobrir aquelas áreas de nossa vida que permaneceram ocultas aos nossos olhos. Todos temos defeitos de caráter que devem ser reconhecidos. Às vezes, o Espírito Santo nos leva a fazer um inventário espiritual para determinarmos onde estão esses pontos cegos. Na Palavra de Deus, temos o exemplo do salmista que orou: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno” (Sl 139:23, 24). O propósito de Deus nesse processo é levar-nos para mais perto dEle. Ele não quer que nos afundemos na culpa ou vivamos cheios de remorso pelos erros do passado. Deseja guiar-nos “pelo caminho eterno”. Embora seja saudável olharmos de maneira franca para a vida espiritual, não convém nos demorarmos nas faltas cometidas na vida antiga. Demorar-nos em nossas faltas e concentrar-nos demasiadamente nos erros somente nos desanima.

Nosso Senhor é maior do que nossos erros e fracassos. Sem dúvida, necessitamos conhecer honestamente nossa condição; mas é muito mais importante conhecer Sua graça. Compreender as fraquezas prepara-nos para recebermos Sua força. Compreender a pecaminosidade prepara-nos para recebermos Sua justiça. Compreender a ignorância prepara-nos para recebermos Sua sabedoria. O Espírito Santo talvez nos leve a lamentar a natureza caída, mas Ele não nos deixa nessa condição. O propósito da convicção que nos é dada pelo Espírito Santo é levar-nos a Jesus. Ao

Antes de Deus nos restaurar, Ele deve nos quebrar.

reconhecermos os pecados e erros pelo processo de um autoexame, podemos agradecer a Deus porque o Espírito Santo está nos conduzindo para mais perto de Jesus. O poder convincente do Espírito Santo está nos preparando para receber a plenitude do Espírito no poder da chuva serôdia. Antes de Deus nos restaurar, Ele deve nos quebrar. Antes de nos encher, deve nos esvaziar. Antes que Ele seja entronizado no coração, o eu deve ser destronado. Que Salvador maravilhoso é Jesus, nosso Senhor. Seu supremo desejo é que reflitamos Seu amorável caráter diante de um mundo em expectativa e de um Universo que nos observa. Ele deseja preparar-nos para o maior derramamento do Espírito Santo em toda a história.

Com oração, medite nas perguntas a seguir:

1. Há algo oculto dentro de mim que poderia me impedir de receber a plenitude do Espírito?
2. Estou disposto a permitir que Deus tire de minha vida tudo aquilo que não estiver em harmonia com Sua vontade?
3. Há alguma coisa em minha vida que não estou disposto a abandonar?



Refletindo Sobre o Conselho Divino

Leia atentamente os textos a seguir, extraídos do livro *Atos dos Apóstolos*, páginas 50-52:

O tempo decorrido não operou nenhuma mudança na promessa dada por Cristo ao partir, promessa esta de enviar o Espírito Santo como Seu representante. Não é por qualquer restrição da parte de Deus que as riquezas de Sua graça não fluem para a Terra em favor dos homens. Se o cumprimento da promessa não é visto como poderia ser, é porque a promessa não é apreciada como devia ser. Se todos estivessem dispostos, todos seriam cheios do Espírito. Onde quer que a necessidade do Espírito Santo seja um assunto de que pouco se pense, ali se verá sequidão espiritual, escuridão espiritual e espirituais declínio e morte. Quando quer que assuntos de menor importância ocupem a atenção, o divino poder, preciso para o crescimento e prosperidade da igreja, e que haveria de trazer após si todas as demais bênçãos, está faltando, ainda que oferecido em infinita plenitude.

Uma vez que este é o meio pelo qual havemos de receber poder, por que não sentimos fome e sede pelo dom do Espírito? Por que não falamos sobre ele, não oramos por ele e não pregamos a seu respeito? O Senhor está mais disposto a dar o Espírito Santo àqueles que O servem do que os pais a dar boas dádivas a seus filhos. Cada obreiro devia fazer sua petição a Deus pelo batismo diário do Espírito. Grupos de obreiros cristãos se devem reunir para suplicar auxílio especial, sabedoria celestial, para que saibam como planejar e executar sabiamente. Especialmente devem eles orar para que Deus batize Seus embaixadores escolhidos nos campos missionários com uma rica medida do Seu Espírito. A presença do Espírito com os obreiros

O Senhor está mais disposto a dar o Espírito Santo àqueles que O servem do que os pais a dar boas dádivas a seus filhos.

de Deus dará à proclamação da verdade um poder que nem toda a honra ou glória do mundo dariam.


O Espírito Santo habita no consagrado obreiro de Deus onde quer que ele possa estar. As palavras dirigidas aos discípulos são-no também a nós. O Consolador é tanto nosso quanto deles. O Espírito concede a força que sustenta a alma que se esforça e luta em todas as emergências, em meio ao ódio do mundo e ao reconhecimento de seus próprios fracassos e erros. Em tristezas e aflições, quando as perspectivas se afiguram sombrias e o futuro aterrador, e nos sentimos desamparados e sós, – é tempo de o Espírito Santo, em resposta à oração da fé, conceder conforto ao coração.

O Espírito Santo habita no consagrado obreiro de Deus onde quer que ele possa estar.

Não é prova conclusiva de que um homem é cristão o manifestar ele êxtases espirituais sob circunstâncias extraordinárias. Santidade não é arrebatamento; é inteira entrega da vontade a Deus; é viver por toda a palavra que sai da boca de Deus; é fazer a vontade de nosso Pai celestial; é confiar em Deus na provação, tanto nas trevas como na luz; é andar pela fé e não pela vista; é apoiar-se em Deus com indiscutível confiança, descansando em Seu amor.

Não é essencial que sejamos capazes de definir exatamente o que seja o Espírito Santo. Cristo nos diz que o Espírito é o Consolador, o “Espírito de verdade, que procede do Pai” (Jo 15:26). Declara-se positivamente, a respeito do Espírito Santo, que em Sua obra de guiar os homens em toda a verdade “não falará de Si mesmo” (Jo 16:13).

A natureza do Espírito Santo é um mistério. Os homens não a podem explicar porque o Senhor não lho revelou. Com fantasiosos pontos de vista, podem-se reunir passagens da Escritura e dar-lhes um significado humano; mas a aceitação desses



pontos de vista não fortalecerá a igreja. Com relação a tais mistérios – demasiado profundos para o entendimento humano – o silêncio é ouro.

A função do Espírito Santo é distintamente especificada nas palavras de Cristo: “E, quando Ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo” (Jo 16:8). É o Espírito Santo que convence do pecado. Se o pecador atende à vivificadora influência do Espírito, será levado ao arrependimento e despertado para a importância de obedecer aos reclamos divinos.

Ao pecador arrependido, faminto e sedento de justiça, o Espírito Santo revela o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. “Ele [...] há de receber do que é Meu, e vo-lo há de anunciar”, disse Cristo (Jo 16:14). “Esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito” (Jo 14:26).

O Espírito é dado como agente de regeneração para tornar eficaz a salvação operada pela morte de nosso Redentor. O Espírito está constantemente buscando atrair a atenção dos homens para a grande oferta feita na cruz do Calvário a fim de desvendar ao mundo o amor de Deus e abrir às almas convictas as preciosidades das Escrituras.

Humildade e Sacrifício

Analisando o Conselho Divino

A atitude dos discípulos antes e depois do Pentecostes foi completamente diferente. Dez dias no Cenáculo fizeram uma profunda diferença. O Evangelho de Lucas menciona que pouco antes da morte de Jesus “suscitaram também entre si uma discussão sobre qual deles parecia ser o maior” (Lc 22:24). Isso, sem dúvida, não se assemelha à descrição de um grupo de homens que seria um exemplo do amor de Cristo nas cidades e aldeias em que foram chamados a ir e alcançar com a mensagem da cruz. Não parece ser uma comunidade de crentes a quem se poderia confiar o poder do Espírito Santo para transformar o mundo com sua pregação. As ambições pessoais dominavam o pensamento.

Motivados por obter vantagens pessoais, estavam muito mais interessados no que poderiam receber seguindo a Cristo do que em dar-se a si mesmos em serviço altruísta. Tinham a confiança de que estavam preparados para governar com Cristo no reino que iria fundar, e cada um ansiava por um lugar de destaque nesse reino.

A confiança de Pedro se excedeu quando ele impetuosamente declarou que estava disposto a ir “tanto para a prisão como para a morte” (Lc 22:33). Na verdade, de acordo com o evangelho de Mateus, todos os discípulos expressaram a mesma atitude arrogante de autoconfiança. Pedro garantiu a Jesus: “Ainda que me seja necessário morrer contigo, de nenhum modo Te negarei. E todos os discípulos disseram o mesmo” (Mt 26:35). Na luta pelo primeiro lugar, esses discípulos não conseguiram compreender a essência do evangelho. Pareciam ter os ouvidos fechados para estas palavras de Jesus: “Quem quiser ser o primeiro entre vós, será vosso servo; tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a Sua vida em resgate por muitos” (Mt 20:27, 28).

O Pentecostes fez a diferença

O Pentecostes fez toda a diferença. Durante os dez dias que passaram no Cenáculo, os discípulos examinaram cuidadosamente o coração. Compreenderam sua fraqueza e suplicaram por força. Perceberam suas fragilidades e buscaram o eterno poder de Deus. Reconheceram seu egoísmo e suplicaram por um espírito humilde e abnegado. Em sua descrição sobre essa experiência dos discípulos, Ellen White declara:

Ao esperarem os discípulos pelo cumprimento da promessa, humilharam o coração em verdadeiro arrependimento e confessaram sua incredulidade. Ao trazerem à lembrança as palavras que Cristo lhes havia dito antes de Sua morte, entenderam mais amplamente seu

significado. Verdades que lhes tinham escapado à lembrança lhes voltavam à mente, e eles as repetiam uns aos outros. Reprovavam-se a si mesmos por não terem compreendido o Salvador. Como numa procissão, cena após cena de Sua maravilhosa vida passou perante eles. Meditando sobre Sua vida pura, santa, sentiram que nenhum trabalho seria árduo demais, nenhum sacrifício demasiado grande, contanto que pudessem testemunhar na própria vida da amabilidade do caráter de Cristo. Oh! Se pudessem viver de novo os passados três anos, pensavam, quão diferentemente agiriam! (*Atos dos Apóstolos*, p. 36).

Quando os discípulos oraram juntos, humilhando o coração diante de Deus, o Espírito Santo trouxe à sua mente as lições de humildade, confiança, submissão e de serviço que Cristo tanto ansiou que entendessem. Os discípulos sentiram então que estavam sendo repreendidos pelo convincente poder do Espírito Santo. Desejaram poder viver novamente os últimos três anos e meio que passaram com Jesus. Alguma vez você já se sentiu assim? Já desejou voltar atrás e corrigir os erros passados? O Espírito Santo não somente nos convence do pecado, Ele cura o coração quebrantado. Ele nos traz esperança. Ele nos garante que Deus tem um plano melhor para nossa vida. Ele nos inspira com promessas de um futuro melhor.

Tomemos Pedro como exemplo. Após o Pentecostes, ele era uma pessoa completamente muda. Cheio do Espírito Santo, pregou um poderoso sermão no dia de Pentecostes, e três mil pessoas se converteram e foram batizadas em um só dia. Quando as autoridades judaicas tentaram silenciar seu testemunho, ele destemidamente exclamou: “Pois nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos” (At 4:20). O orgulhoso Pedro havia se tornado confiante, não em si mesmo,

mas na força do Senhor. O arrogante Pedro havia aprendido a lição do serviço humilde e abnegado. Este é o testemunho que ele deu: “Sede submissos aos que são mais velhos; outrossim, no trato de uns com os outros, cingi-vos todos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a Sua graça. Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que Ele, em tempo oportuno, vos exalte” (1Pe 5:5, 6). Os corações humildes são aqueles que Deus pode encher com Seu Espírito, pois estão abertos a receber as grandiosas bênçãos de Deus.

Os corações humildes são aqueles que Deus pode encher com Seu Espírito, pois estão abertos a receber as grandiosas bênçãos de Deus.

Jesus: nosso exemplo

Consideremos a pessoa de Jesus. O Salvador deixou as glórias do Céu para vir a este mundo cheio de pecado. Deixou a companhia do Pai, a adoração dos anjos e a veneração de seres celestiais. O apóstolo Paulo descreve a pessoa de Jesus nas seguintes palavras: “Assumindo a forma de servo, tornando-Se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a Si mesmo Se humilhou, tornando-Se obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus O exaltou sobremaneira e Lhe deu o nome que está acima de todo nome” (Fp 2:7-9). Jesus não somente Se tornou homem, Ele Se fez servo. Jesus não somente Se tornou servo, mas tornou-Se um servo obediente. Não somente um servo obediente, mas foi obediente até a morte. Não somente até a morte, mas até a mais horrenda de todas as mortes, a morte de cruz. A morte de Cristo na cruz qualificou-O para Se tornar o Sumo Sacerdote no Céu, assentado à destra de Deus. A humilde obediência sempre precede a exaltação. Deus exalta aqueles que se curvam em humildade.

Permita que Deus tire todo egoísmo e inveja que estão no coração.





© Gino Santa Maria | Fotolia

Definição de humildade

A humildade é uma atitude de amoroso serviço em que a pessoa não se orgulha do que faz ou da importância que tem. É uma preocupação constante pelas necessidades dos outros. No coração humilde, o eu não é o centro do universo. A humildade levamos a centralizar a atenção nos outros. O foco está em dar, não em receber. Desejar apenas o bem dos outros em vez de usá-los para atingir nossos próprios fins. A humildade é uma das características que Deus mais valoriza. Leia, com oração, os três textos bíblicos abaixo e medite nas perguntas seguintes.

- “Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros” (Fp 2:3, 4).
- “Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade” (Cl 3:12).
- “Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes” (Tg 4:6).

1. O que significa viver “considerando cada um os outros superiores a si mesmo”?
2. O que é “humildade de espírito”? Como podemos “nos revestir” da humildade?
3. Explique por que Deus “resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes”.
4. Por que a humildade é tão importante para receber a chuva serôdia?

Durante os próximos dias, peça a Deus que lhe conceda um espírito humilde. Suplique a Ele que lhe tire todo o orgulho. Procure manter a mente repleta do desejo de servir aos outros. Permita que Deus tire todo egoísmo e inveja que estão no coração. O Espírito Santo pode revelar que há nele orgulho, ambição egoísta, espírito competitivo e desejo de superioridade. Se Ele lhe revelar a existência dessas atitudes, abra o coração ao poder purificador de Jesus e lembre-se de que Deus muitas vezes nos humilha antes de nos encher. Ele por vezes nos leva ao nível mais baixo antes de nos exaltar.

Refletindo Sobre o Conselho Divino

Leia atentamente o seguinte texto extraído do livro *Atos dos Apóstolos*, páginas 53-56:

Desde o princípio, Deus tem operado por Seu Espírito Santo, mediante agentes humanos, para a realização de Seu propósito em benefício da raça caída. Isto se manifestou na vida dos patriarcas. À igreja no deserto, no tempo de Moisés, também deu Deus Seu “bom Espírito, para os ensinar” (Ne 9:20). E nos dias dos apóstolos Ele atuou poderosamente por Sua igreja através do Espírito Santo. O mesmo poder que sustentou os patriarcas, que a Calebe e Josué deu fé e coragem, e eficiência à obra da igreja apostólica, tem sustentado os fiéis filhos de Deus nos séculos sucessivos. Foi mediante o poder do Espírito Santo que na idade escura os cristãos valdenses ajudaram a preparar o caminho para a Reforma. Foi o mesmo poder que deu êxito aos esforços de nobres homens e mulheres que abriram o caminho para o estabelecimento das modernas missões e para a tradução da Bíblia para as línguas e dialetos de todas as nações e povos.

Ainda hoje Deus está usando Sua igreja para tornar conhecido Seu propósito na Terra.

E ainda hoje Deus está usando Sua igreja para tornar conhecido Seu propósito na Terra. Hoje os arautos da cruz vão de cidade em cidade e de terra em terra, preparando o caminho para o segundo advento de Cristo. A norma da lei de Deus está sendo exaltada. O Espírito do Onipotente está movendo o coração dos homens, e os que respondem a esta influência tornam-se testemunhas de Deus e de Sua verdade. Em muitos lugares podem ser vistos homens e mulheres consagrados comunicando a outros a luz que lhes iluminou o caminho da salvação mediante Cristo. E enquanto deixam sua luz brilhar, como fizeram os que foram batizados com o Espírito no dia do Pentecostes,

recebem mais e mais do poder do Espírito. Assim é a Terra iluminada com a glória de Deus.

O Espírito do Onipotente está movendo o coração dos homens, e os que respondem a esta influência tornam-se testemunhas de Deus e de Sua verdade.

Por outro lado, há alguns que, em vez de aproveitar sabiamente as oportunidades presentes, estão indolentemente esperando por alguma ocasião especial de refrigério espiritual, pelo qual suas habilidades para iluminar outros sejam grandemente aumentadas. Eles negligenciam os deveres e privilégios do presente e deixam que sua luz se apague, enquanto esperam um tempo em que, sem nenhum esforço de sua parte, sejam feitos recipientes de bênçãos especiais, pelas quais sejam transformados e tornados aptos para o serviço.

É certo que no tempo do fim, quando a causa de Deus na Terra estiver prestes a terminar, os sinceros esforços dos consagrados crentes sob a guia do Espírito Santo serão acompanhados por especiais manifestações de favor divino. Sob a figura das chuvas temporã e serôdia, que caem nas terras orientais ao tempo da semeadura e da colheita, os profetas hebreus predisseram a dotação de graça espiritual em medida extraordinária à igreja de Deus. O derramamento do Espírito nos dias dos apóstolos foi o começo da primeira chuva, ou temporã, e glorioso foi o resultado. Até o fim do tempo, a presença do Espírito deve ser encontrada com a verdadeira igreja.

Ao avizinhar-se o fim da ceifa da Terra, uma especial concessão de graça espiritual é prometida a fim de preparar a igreja para a vinda do Filho do Homem. Esse derramamento do Espírito é comparado com a queda da chuva serôdia; e é por este poder adicional que os cristãos devem fazer

as suas petições ao Senhor da seara “no tempo da chuva serôdia”. Em resposta, “o Senhor, que faz os relâmpagos, lhes dará chuva de água” (Zc 10:1). “Ele [...] fará descer a chuva, a temporã e a serôdia, no primeiro mês” (Jl 2:23).

contudo servi-Lo. Ele sabe que os mensageiros que acha por bem enviar são homens fracos e falíveis; mas a todos que se dedicam inteiramente ao Seu serviço, promete auxílio divino. Seu próprio exemplo é uma garantia de que a diligente e perseverante súplica a

A menos, porém, que os membros da igreja de Deus hoje estejam em viva associação com a fonte de todo o crescimento espiritual, não estarão prontos para o tempo da ceifa.

A menos, porém, que os membros da igreja de Deus hoje estejam em viva associação com a fonte de todo o crescimento espiritual, não estarão prontos para o tempo da ceifa. A menos que mantenham suas lâmpadas espevitadas e ardendo, deixarão de receber a graça adicional em tempos de especial necessidade.

Apenas os que estão a receber constantemente novos suprimentos de graça terão o poder proporcional à sua necessidade diária e sua capacidade de usar esse poder. Em vez de aguardar um tempo futuro, em que, mediante uma concessão especial de poder espiritual, recebam uma habilitação miraculosa para conquistar almas, rendem-se diariamente a Deus para que os torne vasos próprios para o Seu uso. Aproveitam cada dia as oportunidades do serviço que encontram a seu alcance. Diariamente testificam em favor do Mestre, onde quer que estejam, seja em alguma humilde esfera de atividade no lar ou em algum setor de utilidade pública. Há para o consagrado obreiro uma maravilhosa consolação em saber que mesmo Cristo, durante Sua vida na Terra, buscava diariamente Seu Pai em procura de nova provisão da necessária graça; e saía dessa comunhão com Deus para fortalecer e abençoar a outros. Vede o Filho de Deus curvado em adoração a Seu Pai! Conquanto seja o Filho de Deus, robustece Sua fé por meio da prece, e mediante a comunhão com o Céu traz a Si mesmo força para resistir ao mal e ministrar às necessidades dos homens. Como o Irmão mais velho de nossa raça, conhece as necessidades dos que, cercados de enfermidades e vivendo num mundo de pecado e tentação, desejam

Deus em fé – fé que leva a uma inteira confiança nEle e consagração sem reserva à Sua obra – será eficaz em trazer aos homens o auxílio do Espírito Santo na batalha contra o pecado.

Todo obreiro que segue o exemplo de Cristo estará apto a receber e empregar o poder que Deus prometeu à Sua igreja para a maturação da seara da Terra. Manhã após manhã, ao se ajoelharem os arautos do evangelho perante o Senhor, renovando-Lhe seus votos de consagração, Ele lhes concederá a presença de Seu Espírito, com Seu poder vivificante e santificador. Ao saírem para seus deveres diários, têm eles a certeza de que a invisível atuação do Espírito Santo os habilita a serem “cooperadores de Deus”.



© Imabase / Fotolia

Entrega Obediente



Analisando o Conselho Divino

Ao se defrontar com o maior desafio em Sua vida, Jesus silenciosamente Se retirou para o Getsêmani. Ele havia visitado anteriormente esse isolado olival que fazia vista para Jerusalém em muitas outras ocasiões. Ali Ele podia ficar sozinho e derramar a alma ao Pai celestial. Longe do acotovelamento e aglomerado das multidões, podia estar em íntima comunhão com Deus. Naquela noite repleta de conseqüências eternas, levou consigo Pedro, Tiago e João. Ansiava estar na companhia deles, em comunhão e oração naquele momento crucial da história da Terra. Jesus estava a pouca distância deles quando caiu em agonia e exclamou: “Meu Pai, se possível, passe de Mim este cálice! Todavia, não seja como Eu quero, e sim como Tu queres” (Mt 26:39).

Compreendendo os horrores que estavam diante dEle, implorou ao Pai que Lhe tirasse o cálice de aflição que estava prestes a beber. Se tivesse sido possível, teria evitado a traição de Judas, a sala de julgamento de Pilatos, o chicote romano, a coroa de espinhos e a cruz. Jesus percebeu que não seria fácil passar pelo sofrimento que tinha diante de Si. No Getsêmani, compreendeu plenamente que o pecado iria destruir Sua vida no Calvário. Mesmo diante de tão grande sofrimento físico, angústia mental e trauma emocional, Jesus tomou a decisão de cumprir a vontade do Pai.

A oração que fez no Getsêmani resume o princípio que orientou Sua vida. “Não se faça a Minha vontade, mas a Tua” era Sua norma de vida. Em cada decisão que tomava, estava comprometido em fazer a vontade do Pai. Essa era a lição que Seus discípulos teriam que aprender não muito tempo depois, durante os dez dias que passariam no Cenáculo. Em torpor e sonolência, não conseguiram compreender a importância daquele momento.

Os discípulos ansiavam
fazer a vontade de Jesus.

Os três textos bíblicos a seguir descrevem o propósito único de Jesus:

- Falando profeticamente, o salmista coloca estas palavras na boca do Salvador: “Deleito-me em fazer a Tua vontade; ó Deus Meu, sim, a Tua lei está dentro do meu coração” (Sl 40:8).
- “E Aquele que Me enviou está comigo, não Me deixou só, porque Eu faço sempre o que Lhe agrada” (Jo 8:29).
- “Então, Eu disse: Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a Meu respeito), para fazer, ó Deus, a Tua vontade” (Hb 10:7).

O único objetivo de Jesus

O objetivo único de Jesus era fazer a vontade do Pai. Em toda a Sua vida glorificou a Deus. A obediente

entrega de Jesus ao Pai era um canal pelo qual as bênçãos celestiais fluíam para a Terra. Hoje, da mesma forma, o poder do Espírito Santo é derramado por meio dos corações que a Ele se entregam.

Você acha que Pedro, Tiago e João ouviram a oração de Jesus no Getsêmani? Imagina que Sua fervorosa súplica tocou o coração? Eles devem ter ficado surpresos ao ver Sua determinação em fazer a vontade do Pai. Essa absoluta e total submissão deve ter causado um grande impacto na vida daqueles homens. Embora, antes do Pentecostes, não tenham compreendido plenamente a inabalável lealdade, o exemplo que deu em Sua vida impressionou-os profundamente. Foi no Cenáculo, antes do Pentecostes, que realmente começaram a entender o que Ele estava tentando lhes ensinar. “Como numa procissão, cena após cena de Sua maravilhosa vida passou perante eles. Meditando sobre Sua vida pura, santa, sentiram que nenhum trabalho seria árduo demais, nenhum sacrifício demasiado grande, contanto que pudessem testemunhar, na própria vida, da amabilidade do caráter de Cristo” (*Atos dos Apóstolos*, p. 36). Foi no Cenáculo, quando juntos buscaram a Deus, que os discípulos se comprometeram totalmente em fazer a vontade do Pai. “Cristo lhes enchia os pensamentos; e visavam ao avançamento de Seu reino. Na mente e no caráter, haviam-se tornado semelhantes a seu Mestre, e os homens ‘tinham conhecimento que eles haviam estado com Jesus’ (Atos 4:13)” (*Atos dos Apóstolos*, p. 45).

A submissão faz a diferença

Pedro era um homem diferente após o Pentecostes. Ele já não se enchia de medo ante as acusações dos oficiais do templo. Quando foi confrontado por esses líderes religiosos, e eles exigiram que parasse de pregar em nome de Jesus, o apóstolo respondeu: “Mais importa obedecer a Deus do que aos homens” (At 5:29, ARC). Sob a influência do Espírito Santo, o exemplo de Jesus fez a diferença. Tal como seu Mestre, a única ambição de Pedro era fazer a vontade de Seu Pai celestial. E o mesmo acontecia com cada um

desses discípulos cheios do Espírito. Eles estavam dispostos a enfrentar a perseguição, a prisão e até a morte por amor de Cristo. Por quê?

Os discípulos ansiavam fazer a vontade de Jesus. Eles deixaram de lado todos os seus projetos pessoais. Obedecer-Lhe tornou-se a coisa mais importante de sua vida. Igualmente, a fé que leva à submissão de nossa vontade à vontade de Cristo é a coisa mais importante na vida de todo cristão. Ellen White descreve essa submissão da seguinte maneira:

A submissão que Cristo requer, a renúncia da vontade, que admite a verdade em seu poder de santificar, que treme à palavra do Senhor, são produzidas pela operação do Espírito Santo. Tem de haver uma transformação de todo o ser, coração, alma e caráter. [...] Unicamente junto ao altar do sacrifício e da mão de Deus, pode o homem egoísta, ganancioso receber a tocha celestial que revela a sua incompetência e o leva a submeter-se ao jugo de Cristo e aprender Sua mansidão e humildade.

Como discípulos, precisamos encontrar-nos com Deus no lugar designado. Então Cristo nos põe sob a direção do Espírito, que nos guiará em toda a verdade, colocando em submissão a Cristo nossa importância própria. Ele toma as coisas de Cristo, provindas de Seus lábios, e as transmite com vivo poder à alma obediente. Assim podemos ter um conceito perfeito do Autor da verdade (*Nos Lugares Celestiais* [MM 1968], p. 236).

Eles abriram o coração à plenitude da operação do Espírito Santo e consagraram a vida a fazer totalmente Sua vontade.

A fé que leva à submissão de nossa vontade à vontade de Cristo é a coisa mais importante na vida de todo cristão.

Uma consagração mais profunda

Algo extraordinário aconteceu no Cenáculo. O Espírito Santo trouxe uma profunda convicção a cada um dos discípulos que ali oravam. À luz do eterno sacrifício de Cristo na cruz, eles reconheceram que a própria entrega era superficial. Compreenderam que Deus estava apelando para uma consagração mais profunda. Entenderam a superficialidade de sua entrega pessoal à causa de Cristo, abriram o coração à plenitude da operação do Espírito Santo e consagraram a vida a fazer totalmente

A chuva serôdia será derramada no coração que a Ele se render.

Sua vontade. Deus tinha então os canais abertos para, por intermédio deles, derramar o Santo Espírito. Essa entrega absoluta à vontade de Deus também prepara o coração para receber a plenitude do derramamento do Espírito Santo. A chuva serôdia será derramada no coração que a Ele se render.

Enquanto você reflete, com oração, nas perguntas a seguir, peça a Deus que o ajude a se entregar mais completamente a Ele.

1. Está o Espírito Santo procurando me convencer a abandonar alguma coisa em minha vida neste momento?
2. Há alguma coisa que valorizo muito e que Deus pode estar me pedindo para abandonar?
3. Leia todo o Salmo 51 e pergunte a Deus o que Ele deseja lhe ensinar enquanto o lê. Medite especialmente nos seguintes versos do Salmo 51:

“Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova dentro de mim um espírito inabalável. Não me repulses da Tua presença, nem me retires o Teu Santo Espírito. Restitui-me a alegria da Tua salvação e sustenta-me com um espírito voluntário. Então, ensinarei aos transgressores os Teus caminhos, e os pecadores se converterão a Ti” (Sl 51:10:13).

Refletindo Sobre o Conselho Divino

Leia atentamente o seguinte texto extraído do livro *Testemunhos Para Ministros*, páginas 506-508:

“Pedi ao Senhor chuva no tempo da chuva serôdia; o Senhor que faz os relâmpagos, lhes dará chuva de água” (Zc 10:1). “E fará descer a chuva, a temporã e a serôdia” (Jl 2:23). No Oriente, a chuva temporã cai no tempo da sementeira. Ela é necessária para que a semente possa germinar. Sob a influência de fertilizantes aguaceiros, brota o tenro rebento. Caindo perto do fim da estação, a chuva serôdia amadurece o grão e o prepara para a foíce. O Senhor utiliza esses elementos da natureza para representar a obra do Espírito Santo. Como o orvalho e a chuva são dados primeiro para fazer com que a semente germine, e então para amadurecer a colheita, assim é dado o Espírito Santo para levar avante, de um estágio para outro, o processo de crescimento espiritual.

O amadurecimento do grão representa a terminação do trabalho da graça de Deus na alma. Pelo poder do Espírito Santo deve a imagem moral de Deus ser aperfeiçoada no caráter. Devemos ser completamente transformados à semelhança de Cristo.

A chuva serôdia, amadurecendo a seara da Terra, representa a graça espiritual que prepara a igreja para a vinda do Filho do Homem. Mas a menos que a chuva temporã haja caído, não haverá vida; a raiz verde não brotará. Se a chuva temporã não fizer seu trabalho, a serôdia não desenvolverá a semente até a perfeição.

O amadurecimento do grão representa a terminação do trabalho da graça de Deus na alma.

Deve haver “primeiro, a erva, depois, a espiga, e, por último, o grão cheio na espiga” (Mc 4:28). Deve haver um desenvolvimento constante das virtudes cristãs, um avanço constante na experiência cristã. Isso devemos nós buscar com intenso desejo para que possamos adornar a doutrina de Cristo, o nosso Salvador.

Muitos têm em grande medida deixado de receber a chuva temporã. Não têm obtido todos os benefícios que Deus assim para eles tem provido. Esperam que as falhas sejam supridas pela chuva serôdia. Quando a maior abundância da graça estiver para ser outorgada, esperam poder abrir o coração para recebê-la. Estão cometendo um erro terrível. O trabalho que Deus começou no coração humano mediante Sua luz e conhecimento deve estar continuamente avançando. Cada indivíduo deve estar cômescio de sua própria necessidade. Deve o coração ser esvaziado de toda a mancha, purificado para habitação do Espírito. Foi pela confissão e pelo abandono do pecado, por meio de fervorosa oração e da entrega pessoal a Deus, que os discípulos se prepararam para o derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes. O mesmo trabalho, apenas em grau mais elevado, deve ser feito agora. Então o agente humano só teve que pedir a bênção e esperar que o Senhor aperfeiçoasse a obra a seu respeito. Foi Deus que começou a obra, e Ele terminará Sua obra, tornando o homem perfeito em Jesus Cristo. Mas não se deve negligenciar a graça representada pela chuva temporã. Só os que estiverem vivendo de acordo com a luz que têm recebido poderão receber maior luz. A não ser que nos estejamos desenvolvendo diariamente na exemplificação das ativas virtudes cristãs, não reconheceremos as manifestações do Espírito Santo na chuva serôdia. Pode ser que ela esteja sendo derramada nos corações ao nosso redor, mas nós não a discerniremos nem a receberemos.

Em nenhum ponto de nossa experiência podemos nós dispensar a assistência daquilo que nos habilita a fazer justamente o começo. As bênçãos recebidas sob a chuva temporã são-nos necessárias até o fim. No entanto, só isso não nos basta. Embora

O trabalho que Deus começou no coração humano mediante Sua luz e conhecimento deve estar continuamente avançando.

acariciemos as bênçãos da primeira chuva, não devemos, do outro lado, perder de vista o fato de que sem a chuva serôdia, para encher a espiga e amadurecer o grão, a colheita não estará pronta para a ceifa, e o trabalho do sementeiro terá sido em vão. Necessita-se da graça divina no começo, da graça divina em cada passo de avanço; só a graça divina pode completar a obra. Não há lugar para nós descansarmos em descuidada atitude. Nunca devemos esquecer as advertências de Cristo: “Vigiai em oração” (1Pe 4:7). “Vigiai, pois, em todo o tempo, orando” (Lc 21:36). A ligação a cada momento com o Agente divino é essencial ao nosso progresso. Podemos ter tido uma medida do Espírito de Deus, mas tanto pela oração como pela fé devemos buscar continuamente mais do Espírito. Nunca dá resultado cessarmos os nossos esforços. Se não progredirmos, se não nos colocarmos na atitude em que tanto possamos receber a chuva temporã como a serôdia, perderemos nossa alma e a responsabilidade jazerá à nossa porta.



Thiago Lobo

Alegria & Gratidão



Analisando o Conselho Divino

O testemunho de uma vida cheia de alegria é quase irresistível.

O Espírito Santo encheu o coração dos discípulos de alegre louvor. Eles não mais enfrentariam o futuro com temor, pois a confiança havia sido aumentada grandemente. O Salvador havia perdoado os pecados. A culpa não mais existia. A vida havia sido transformada pelo poder do Espírito. O melhor Amigo estava à destra do trono de Deus para suprir todas as necessidades. Tinham então um motivo para cantar. A vida dos discípulos transbordava de gratidão pelo Cristo que os havia redimido. Lucas registra essa alegre expressão de gratidão e louvor nas seguintes palavras: “Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos” (At 2:46, 47).

Os discípulos estavam cheios de espanto e admiração. A alegria transbordava-lhes do coração cheio de gratidão.

O testemunho do coxo que havia sido curado por Pedro à porta do templo, pelo poder de Cristo, revela esse transbordante louvor de um coração agradecido. As Escrituras apresentam o seguinte relato, evidenciando que uma nova força fluía pelos tornozelos e pernas do homem: “De um salto se pôs em pé, passou a andar e entrou com eles no templo, saltando e louvando a Deus. Viu-o todo o povo a andar e a louvar a Deus”. Cristo havia transformado a vida daquele homem de maneira tão marcante que a única resposta lógica para ele era o louvor e a gratidão. Seu testemunho brotou de um coração cheio de gratidão. Ele não conseguia esconder sua apreciação por Aquele que tanto havia feito por ele.

Transformados no Cenáculo

Os discípulos passaram por uma transformação no Cenáculo, e o coração também se encheu de gratidão. Assim como o coxo, experimentaram o poder do Cristo vivo em sua vida. Compreenderam a magnitude do que o Salvador havia feito por eles na cruz. Entenderam mais profundamente o significado de Seu imenso sacrifício. Ao descrever essa experiência pela qual eles passaram no Cenáculo, Ellen White afirma:

O Espírito veio sobre os discípulos, que expectantes oravam, com uma plenitude que alcançou cada coração. O Ser infinito revelou-Se em poder à Sua igreja. Era como se por séculos esta influência estivesse sendo reprimida, e agora o Céu se regozijasse em poder derramar sobre a igreja as riquezas da graça do Espírito. E, sob a influência do Espírito, palavras de penitência e confissão misturavam-se com cânticos de louvor por pecados perdoados. Eram ouvidas palavras de gratidão e de profecia. Todo o Céu se inclinou na contemplação da sabedoria do incomparável e incompreensível amor. Absortos em admiração, os apóstolos exclamaram: “Nisto está a caridade!” (1Jo 4:10). Eles se aposaram do dom que lhes era repartido. E que se seguiu? A espada do Espírito, de novo afiada com poder e banhada nos relâmpagos do Céu, abriu caminho através da incredulidade. Milhares se converteram num dia (*Atos dos Apóstolos*, p. 38).

Os discípulos nunca se cansavam de falar sobre o amor de Jesus. Eram eternamente gratos por Seu sacrifício. Mesmo nos mais angustiantes momentos da vida, eles não deixavam de falar sobre a grandeza da salvação em Cristo. Era por isso que

podiam se alegrar em meio ao sofrimento, regozijar-se quando perseguidos e cantar hinos de louvor enquanto estavam na prisão. Imagine a resposta do carcereiro de Filipos quando ouviu Paulo e Silas, à meia-noite, orando e cantando hinos a Deus.

Mesmo nos mais angustiantes momentos da vida, eles não deixavam de falar sobre a grandeza da salvação em Cristo.

Presos com correntes, encarcerados numa prisão escura e sombria, eles se regozijavam na bondade de Deus. Isso evidentemente causou uma profunda impressão nos prisioneiros, pois o relato sagrado declara que “os demais companheiros de prisão escutavam” (At 16:25). O carcereiro também ficou impressionado com a fé por eles demonstrada. Quando o terremoto destruiu completamente a prisão, o carcereiro imaginou que os prisioneiros já haviam fugido, provavelmente obrigando-o a pagar com a própria vida por essa fuga. Ficou surpreso ao constatar que Paulo e Silas ainda estavam lá, com todos os demais prisioneiros. Impressionado com a bondade daqueles dois seguidores de Cristo, o carcereiro entregou a vida a Ele. Há algo poderoso em uma vida que transborda de alegria, gratidão e louvor. A alegria é um dos frutos do Espírito, e de um coração cheio de alegria fluem constantemente a gratidão e o louvor.

A alegria de Jesus

O testemunho de uma vida cheia de alegria é quase irresistível. Pessoas céticas estão mais interessadas em ver uma demonstração do evangelho em uma vida cheia de alegria que em ouvir um sermão. Todo professo cristão deve sempre perguntar a si mesmo: “As minhas atitudes revelam a alegria que há em Jesus às pessoas que estão ao redor?” “Eles

veem o louvor e a gratidão refletidos em minha vida?” Os crentes do Novo Testamento irradiavam a alegria de Jesus.

Ao escrever à igreja de Filipos, o apóstolo Paulo afirmou: “Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo, alegrai-vos” (Fp 4:4). Aos efésios, ele sugeriu que expressassem sua alegria falando uns aos outros “com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais” (Ef 5:19). Aos colossenses, o apóstolo aconselhou: “Perseverai na oração, vigiando com ações de graças” (Cl 4:2). Esses cristãos recém-convertidos mudaram o mundo não só pelo que ensinaram, mas por sua maneira de viver. As palavras piedosas coincidiam com a vida religiosa que viviam.

O espírito de gratidão não dependia de tudo estar correndo bem em sua vida. Não louvavam a Deus apenas quando eram prósperos e saudáveis. Louvavam ao Senhor em todo o tempo, pois, mesmo nos piores momentos, tinham sempre algum motivo para louvar e agradecer. Recordo-me do que aconteceu a Matthew Henry, um pregador inglês do século 19, que em certo dia foi roubado. Mais tarde, naquele dia, ele escreveu em seu diário: “Eu fui roubado hoje e Te agradeço primeiramente porque nunca havia sido roubado antes; em segundo lugar, porque, embora tenham me tirado a carteira, não me tiraram a vida; em terceiro lugar, porque, mesmo que tenham me levado tudo, não era muito; e, em quarto lugar, por ter sido eu quem fui roubado, e não eu quem roubou.”

Quando nos queixamos das circunstâncias da vida, estamos, na verdade, culpando a Deus de ser injusto.

Que testemunho! Quando nos queixamos das circunstâncias da vida, estamos, na verdade, culpando a Deus de ser injusto. A confiança nos

momentos difíceis da vida revela a crença em um Deus que está no controle do Universo e guiando ativamente nossa vida. Muitas coisas que nos acontecem são injustas e totalmente incorretas. Entretanto, mesmo em meio às mais dolorosas e terríveis experiências, podemos nos alegrar em um Salvador cujo amor nunca nos abandonará e que um dia corrigirá tudo o que está errado. Deus derramará o Santo Espírito no poder da chuva serôdia sobre aqueles que descobriram o segredo de depositar nEle toda confiança mesmo nos momentos mais difíceis da vida. Se descobirmos como louvá-Lo nos momentos escuros da vida, receberemos os aguaceiros da chuva serôdia pela manhã. Se pudermos cantar nas horas escuras, experimentaremos o frescor de um novo dia na plenitude do poder do Espírito.

Quando somos cativados por Sua graça, maravilhados diante do Seu amor e comovidos por Sua bondade, não haverá coisa alguma que possa destruir a alegria e a paz interior que Ele nos concede. Poderemos sentir dor, mas, no íntimo, haverá um acúmulo de alegria que nos ergue e nos anima. Poderemos passar por angústias e aflições, mas rios de alegria inundarão nosso ser. O que Ele fez, está fazendo e fará por nós manterá a alegria em meio às tormentas da vida.

No Cenáculo, os discípulos abriram o coração à imensa alegria que há em Jesus, enchendo-se de gratidão e louvor.

Com oração, reflita nas perguntas a seguir:

1. Há alguma coisa em sua vida que lhe roubou a alegria que Jesus deseja que você tenha? Por quê?
2. Dedique alguns momentos para refletir sobre tudo o que você tem em Cristo. Quais são as maiores dádivas que Ele lhe concedeu?
3. Outros podem ver a alegria de Jesus refletida em sua vida?
4. A alegria, a gratidão e o louvor são sentimentos ou escolhas?
5. Como você pode ser grato mesmo quando não sente estar agradecido?

Refletindo Sobre o Conselho Divino

Leia com atenção o seguinte texto extraído do livro *Testemunhos Para Ministros*, páginas 509-512:

Podem as circunstâncias parecer favoráveis a um abundante derramamento dos chuveiros da graça. Mas Deus mesmo deve ordenar que caia a chuva. Não devemos, portanto, ser remissos nas súplicas. Não devemos confiar na atuação comum da providência. Devemos orar para que Deus descerre a fonte da água da vida. E nós mesmos devemos receber água viva. Oremos, pois, com coração contrito e com maior fervor para que agora, no tempo da chuva serôdia, os chuveiros da graça sejam derramados sobre nós. Em todas as reuniões em que estivermos presentes, nossas orações devem ser feitas no sentido de que, agora mesmo, Deus conceda fervor e ânimo a nosso coração. Ao irmos ao Senhor em busca do Espírito Santo, Este produzirá em nós mansidão e humildade, bem como consciente confiança de que Deus nos concederá a aperfeiçoadora chuva serôdia. Se com fé orarmos pela bênção, recebê-la-emos conforme Deus nos prometeu.

Se com fé orarmos pela bênção, recebê-la-emos conforme Deus nos prometeu.

A contínua concessão do Espírito Santo à igreja é representada pelo profeta Zacarias por meio de outro símbolo, que contém uma admirável lição de encorajamento para nós. Diz o profeta: “E tornou o anjo que falava comigo, e me despertou, como a um homem que é despertado de seu sono, e me disse: Que vês? E eu disse: Olho, e eis um castiçal todo de ouro, e um vaso de azeite no cimo, com as suas sete lâmpadas; e cada lâmpada posta no cimo tinha sete canudos. E, por cima dele, duas oliveiras, uma à direita do vaso de azeite, e outra à sua esquerda. E falei e disse ao anjo que falava comigo, dizendo: Senhor meu, que é isto? E respondeu e me falou, dizendo: Esta é a palavra do Senhor a Zorobabel, dizendo: Não por força, nem por violência, mas pelo Meu

Espírito, diz o Senhor dos Exércitos. E, falando-lhe outra vez, disse: Que são aqueles dois raminhos de oliveira que estão junto aos dois tubos de ouro e que vertem de si ouro? Então Ele disse: Estes são os dois ungidos, que estão diante do Senhor de toda a Terra” (Zc 4:1-4, 6, 12 e 14).

Das duas oliveiras, o óleo dourado era conduzido através de tubos de ouro para o bojo do castiçal e daí para as lâmpadas de ouro que iluminavam o santuário. Da mesma sorte, dos santos que permanecem na presença de Deus, Seu Espírito é transmitido aos instrumentos humanos que se consagram ao Seu serviço. A missão dos dois ungidos é comunicar luz e poder ao povo de Deus. É para receber bênção para nós que eles estão na presença de Deus. Como as oliveiras esvaziam-se nos tubos de ouro, assim procuram os mensageiros celestes comunicar tudo que de Deus receberam. Todo o tesouro celestial aguarda que o peçamos e recebamos; e, à medida que recebemos a bênção, devemos naturalmente transmiti-la a outros. É assim que as lâmpadas sagradas são alimentadas, e a igreja se torna portadora de luz no mundo.

Esta é a obra que o Senhor deseja que cada alma esteja preparada para fazer neste tempo, quando os quatro anjos seguram os quatro ventos para que não soprem até que os servos de Deus sejam selados em suas testas. Não há tempo agora para agradar a si mesmo. As lâmpadas da alma devem ser espevitadas. Devem ser supridas com o óleo da graça. Deve-se tomar toda precaução para evitar toda decadência espiritual, para que o grande dia do Senhor não nos surpreenda como um ladrão de noite.

Deve-se tomar toda precaução para evitar toda decadência espiritual, para que o grande dia do Senhor não nos surpreenda como um ladrão de noite.

Devemos receber diariamente o santo óleo para que o possamos transmitir aos outros. Todos os que quiserem podem ser faróis para este mundo.

Cada testemunha em favor de Deus deve agora trabalhar inteligentemente nos ramos indicados pelo Senhor. Devemos obter diariamente uma viva e profunda experiência na obra de aperfeiçoar um caráter cristão. Devemos receber diariamente o santo óleo para que o possamos transmitir aos outros. Todos os que quiserem podem ser faróis para este mundo. Em Jesus, devemos fazer desaparecer o próprio eu. Devemos receber a Palavra de Deus nos conselhos e instruções, comunicando-a alegremente. Há, agora, necessidade de muita oração. Cristo ordena: “Orai sem cessar” (1Ts 5:17); isto é, conservai o espírito elevado a Deus, a fonte de todo o poder e eficiência.

Podemos por muito tempo ter seguido no caminho estreito, mas não é seguro tomar isso como prova de que o seguiremos até o fim. Se com Deus temos andado na comunhão do Espírito, é porque O procuramos diariamente pela fé. Das duas oliveiras é-nos comunicado o óleo que verte pelos tubos de ouro. Mas os que não cultivam o espírito e o hábito de oração não podem esperar receber o áureo azeite da bondade, paciência, longanimidade, delicadeza e amor.

Deve cada um conservar-se separado do mundo, que está cheio de iniquidade. Não devemos andar com Deus por algum tempo e depois separar-nos

Deve cada um conservar-se separado do mundo, que está cheio de iniquidade.

de Sua companhia, e andar nas centelhas que nós mesmos acendemos. Deve haver firme continuação, perseverança nos atos de fé. Devemos louvar a Deus; demonstrar Sua glória num caráter justo. Nenhum de nós alcançará a vitória sem que haja um esforço perseverante e incansável, proporcional ao valor do objeto que procuramos, a vida eterna.

A dispensação em que vivemos deve ser, para os que pedem, a dispensação do Espírito Santo. Pedi-Lhe a bênção. É tempo de sermos mais dedicados em nossa devoção. É-nos confiado o trabalho árduo, mas feliz e glorioso, de revelar Cristo aos que se acham em trevas. Somos chamados para proclamar as verdades especiais para este tempo. Para tudo isto, é essencial o derramamento do Espírito Santo. Devemos orar para esse fim. O Senhor espera que Lho peçamos. Ainda não empreendemos essa tarefa com todo o coração.



© Freshidea | Fotolia

Testemunho Fervoroso



Analisando o Conselho Divino

Imagine a reação dos discípulos diante da grande comissão. A tarefa parecia muito pesada. O mandado de levar o evangelho a todo o mundo parecia impossível. Como poderia um pequeno grupo de discípulos causar qualquer impacto significativo sobre o poderoso Império Romano? A sociedade de Roma no 1º século era dominada por intrigas políticas, materialismo desenfreado, orgulho, extrema avareza, imoralidade ostensiva e muita superstição religiosa. Submersa em sua tradição milenar, Jerusalém também não parecia ser um território fértil para as perspectivas do evangelho. Aqueles primeiros seguidores de Cristo devem ter-se perguntado se o mandado de Jesus de ir “por todo o mundo” e pregar o evangelho “a toda criatura” era sequer remotamente possível de ser cumprido (Mc 16:15).

À medida que os discípulos proclamavam a mensagem da graça redentora, os corações se entregavam ao poder dessa mensagem. A igreja viu conversos vindo para ela de todas as direções.

A grande comissão e a grande promessa

Felizmente, a grande comissão veio acompanhada de uma grande promessa. Disse Jesus: “Foi-me dada toda a autoridade nos Céus e na Terra. Portanto vão e façam discípulos de todas as nações” (Mt 28:18, 19, NVI). E acrescentou: “Mas receberão poder, quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da Terra” (At 1:8, NVI). Os discípulos deviam testemunhar na força do

Espírito, não em sua própria força. Deviam ir cheios do Espírito, fortalecidos pelo Espírito e guiados pelo Espírito. A presença e o poder do Espírito Santo em sua vida é o que lhes daria êxito.

Qual foi o resultado do derramamento do Espírito no dia de Pentecostes? As boas-novas de um Salvador ressuscitado foram levadas até as mais longínquas partes do mundo habitado. À medida que os discípulos proclamavam a mensagem da graça redentora, os corações se entregavam ao poder dessa mensagem. A igreja viu conversos vindo para ela de todas as direções. Extraviados converteram-se de novo. Pecadores uniram-se aos crentes em busca da Pérola de grande preço. Alguns que haviam sido os mais ferrenhos inimigos do evangelho tornaram-se seus campeões. Cumpriu-se a profecia: “O que dentre eles tropeçar [...] será como Davi, e a casa de Davi [...] como o anjo do Senhor” (Zc 12:8). Cada cristão via em seu irmão uma revelação do amor e benevolência divinos. Só um interesse prevalecia; um elemento de emulação absorveu todos os outros. A ambição dos crentes era revelar a semelhança do caráter de Cristo, bem como trabalhar pelo desenvolvimento de Seu reino (*Atos dos Apóstolos*, p. 48).

O poder do Espírito Santo foi derramado no dia do Pentecostes para capacitar os discípulos a levar o evangelho ao mundo. O Espírito Santo deu poder ao testemunho dos discípulos, e os resultados foram surpreendentes: corações foram tocados, vidas transformadas. Três mil foram batizados em

apenas um dia. Esse impulso evangelístico continuou ocorrendo, e outros milhares foram acrescentados à igreja em poucos anos. Atos 4:4 traz o seguinte registro: “Muitos, porém, dos que ouviram a palavra, a aceitaram, subindo o número dos homens a quase cinco mil.” Atos 6:7 declara: “Crescia a palavra de Deus, e em Jerusalém se multiplicava muito o número dos discípulos.” Segundo Atos 9:31, novas igrejas foram estabelecidas na Judeia, na Galileia e em Samaria, e elas se “multiplicavam”. O evangelho transpôs barreiras culturais, nacionais e linguísticas. Pedro foi miraculosamente guiado para dar testemunho a Cornélio, um centurião romano que estava em busca da verdade, e Filipe explicou os mistérios da cruz a um influente oficial etíope. Na verdade, o livro de Atos dos Apóstolos bem poderia ser chamado de “Atos do Espírito Santo”.

Testemunhar: o propósito do derramamento do Espírito

Quando a igreja tem pouco interesse em testemunhar, há poucas evidências do poder do Espírito Santo. Por que Deus haveria de derramar Seu Espírito, na plenitude de Seu poder, se Seu povo tem pouco interesse em testemunhar? O poder do Espírito Santo não é um fim em si mesmo. A prometida chuva serôdia deve cumprir a missão de levar o evangelho ao mundo. A oração que não mantém o foco no testemunho pode levar ao fanatismo egocêntrico. O estudo da Bíblia sem o testemunho pode levar ao formalismo da justificação própria.

A oração que não mantém o foco no testemunho pode levar ao fanatismo egocêntrico.

Os fariseus oravam e estudavam as Escrituras por horas a cada dia, mas condenaram Jesus à morte. Por quê? Por uma simples razão: em sua vida egoísta não havia lugar para um Messias altruísta.

Em contraste, o testemunho faz o egoísmo morrer de fome. A oração sincera, o fervoroso estudo da

Bíblia e o testemunho fervoroso são as chaves para todo reavivamento genuíno. O propósito fundamental da oração e do estudo da Bíblia é nos aproximar de Jesus para que Ele possa confiar a nós o poder do Espírito Santo e, como resultado, haver um testemunho poderoso. A chuva serôdia não será derramada para glorificar o eu. Não será derramada para transformar complacentes membros de igreja em testemunhas fervorosas. É a obra da chuva temporã do Espírito convencer-nos do pecado e capacitar-nos para enfrentar o inimigo e reorganizar as prioridades a fim de podermos testemunhar. A chuva serôdia cairá então para finalizar a obra da graça de Deus em nossa vida e no mundo. O conselho dado a nós é:

A menos, porém, que os membros da igreja de Deus hoje estejam em viva associação com a fonte de todo o crescimento espiritual, não estarão prontos para o tempo da ceifa. A menos que mantenham suas lâmpadas espevitadas e ardendo, deixarão de receber a graça adicional em tempos de especial necessidade.

Apenas os que estão a receber constantemente novos suprimentos de graça terão o poder proporcional a sua necessidade diária e sua capacidade de usar esse poder. Em vez de aguardar um tempo futuro, em que, mediante uma concessão especial de poder espiritual, recebam uma habilitação miraculosa para conquistar almas, rendem-se diariamente a Deus para que os torne vasos próprios para o Seu uso. Aproveitam cada dia as oportunidades do serviço que encontram a seu alcance. Diariamente testificam em favor do Mestre, onde quer que estejam, seja em alguma humilde esfera de atividade no lar ou em algum setor de utilidade pública (*Atos dos Apóstolos*, p. 55).

○ testemunho faz o egoísmo morrer de fome.

No Cenáculo, os discípulos comprometeram-se a levar o evangelho ao mundo. As agendas pessoais foram deixadas de lado para cumprir a agenda de Cristo. Os planos pessoais foram abandonados para concretizar o grande plano de Cristo. As ambições humanas foram deixadas para trás para que pudessem levar avante a única ambição de Cristo, que é redimir a humanidade. Tinham paixão por partilhar ao mundo as novas do amor de Cristo que havia transformado a vida deles.

Um único desejo absorvia todos os outros: cumprir a comissão de Cristo e proclamar o evangelho ao mundo.

Qual é seu maior desejo na vida? Seu maior anseio é que o poder do Espírito Santo o capacite para testemunhar? Costuma partilhar regularmente sua fé com outros? Se o condenassem em um tribunal

por partilhar a fé e por testemunhar das boas-novas de Jesus, haveria evidência suficiente para condená-lo? O Espírito Santo será derramado no poder da chuva serôdia sobre aqueles que estão testemunhando de Jesus para que a obra de Deus na Terra seja finalizada e possamos ir para o lar. É seu desejo reorganizar as prioridades em sua vida e fazer o compromisso de tornar-se uma testemunha mais fiel em favor de Jesus? Está disposto a permitir que o Espírito Santo o use da maneira que desejar para testemunhar para Ele? Deseja colocar de lado os compromissos pessoais e consagrar sua vida à única coisa que realmente importa no final de tudo, que é conquistar os perdidos e levá-los a Jesus? As circunstâncias da vida são diferentes para cada um de nós. A família e as responsabilidades no trabalho não são as mesmas. Nem todos podem fazer a mesma coisa. Simplesmente, diga a Deus que seu maior anseio é partilhar o amor de Deus com outros e permita que Ele dirija sua vida.

○ Espírito Santo será derramado no poder da chuva serôdia sobre aqueles que estão testemunhando de Jesus para que a obra de Deus na Terra seja finalizada e possamos ir para o lar.

Todas as demais bênçãos

Leia atentamente o texto a seguir, extraído do livro *Testemunhos Para Ministros*, páginas 511, 512, 174-176:

A dispensação em que vivemos deve ser, para os que pedem, a dispensação do Espírito Santo. Pedir a bênção. É tempo de sermos mais dedicados em nossa devoção. É-nos confiado o trabalho árduo, mas feliz e glorioso, de revelar Cristo aos que se acham em trevas. Somos chamados para proclamar as verdades especiais para este tempo. Para tudo isto, é essencial o derramamento do Espírito Santo. Devemos orar para esse fim. O Senhor espera que Lho peçamos. Ainda não empreendemos essa tarefa com todo o coração.

Que posso dizer a meus irmãos em nome do Senhor? Que medida de nossos esforços foi feita de acordo com a luz que ao Senhor aprouve dar? Não podemos depender da forma ou do maquinismo externo. O que precisamos é da vivificadora influência do Espírito Santo de Deus. “Não por força, nem por violência, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos” (Zc 4:6). Orai sem cessar e vigiai, trabalhando de conformidade com vossas orações. Ao orardes, crede, confiai em Deus. Estamos no tempo da chuva serôdia, tempo em que o Senhor dará liberalmente o Seu Espírito. Sede fervorosos em oração, e vigiai no Espírito.

Orai sem cessar e vigiai, trabalhando de conformidade com vossas orações.

Essa bênção prometida, se requerida pela fé, traria todas as outras bênçãos em sua esteira, e deve ser dada liberalmente ao povo de Deus. Pelas astutas ciladas do inimigo parece a mente do povo

de Deus ser incapaz de compreender e apropriar-se das promessas de Deus. Parecem pensar que apenas escassos chuviscos da graça devem cair sobre a alma sedenta. Tem-se o povo de Deus acostumado a pensar que deve confiar em seus próprios esforços, que pouco auxílio deve ser recebido do Céu; e o resultado é que pouca luz têm eles a comunicar a outras almas que estão perecendo no erro e nas trevas. A igreja por muito tempo se tem contentado com um pouco das bênçãos de Deus. Não tem sentido a necessidade de alcançar os exaltados privilégios para eles comprados a um custo infinito.

A igreja por muito tempo se tem contentado com um pouco das bênçãos de Deus.

Sua força espiritual tem sido fraca, sua experiência de caráter definhado e defeituoso, e estão desqualificados para a obra que o Senhor gostaria que fizessem. Não estão habilitados a apresentar as grandes e gloriosas verdades da santa Palavra de Deus, que convenceriam e converteriam almas por intermédio do Espírito Santo. O poder de Deus espera seu pedido e recepção. Uma colheita de alegrias será feita pelos que semeiam a santa semente da verdade. “Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará, sem dúvida, com alegria, trazendo consigo os seus molhos” (Sl 126:6).

Pela atitude da igreja tem o mundo recebido a ideia de que o povo de Deus é realmente um povo sem alegria, de que o serviço de Cristo não é atrativo e de que a bênção de Deus é concedida aos que a recebem a pesado custo. Demorando-nos sobre as provas e ampliando as dificuldades, representamos mal a Deus e a Jesus Cristo, a quem Ele enviou; pois o caminho do Céu é tornado sem atrativos pela escuridão que se acumula ao redor da alma dos crentes, e muitos se afastam, desapontados, do serviço

de Cristo. Mas serão crentes os que assim apresentam a Cristo? Não, pois os crentes confiam na promessa divina, e o Espírito Santo tanto é confortador como reprovador.

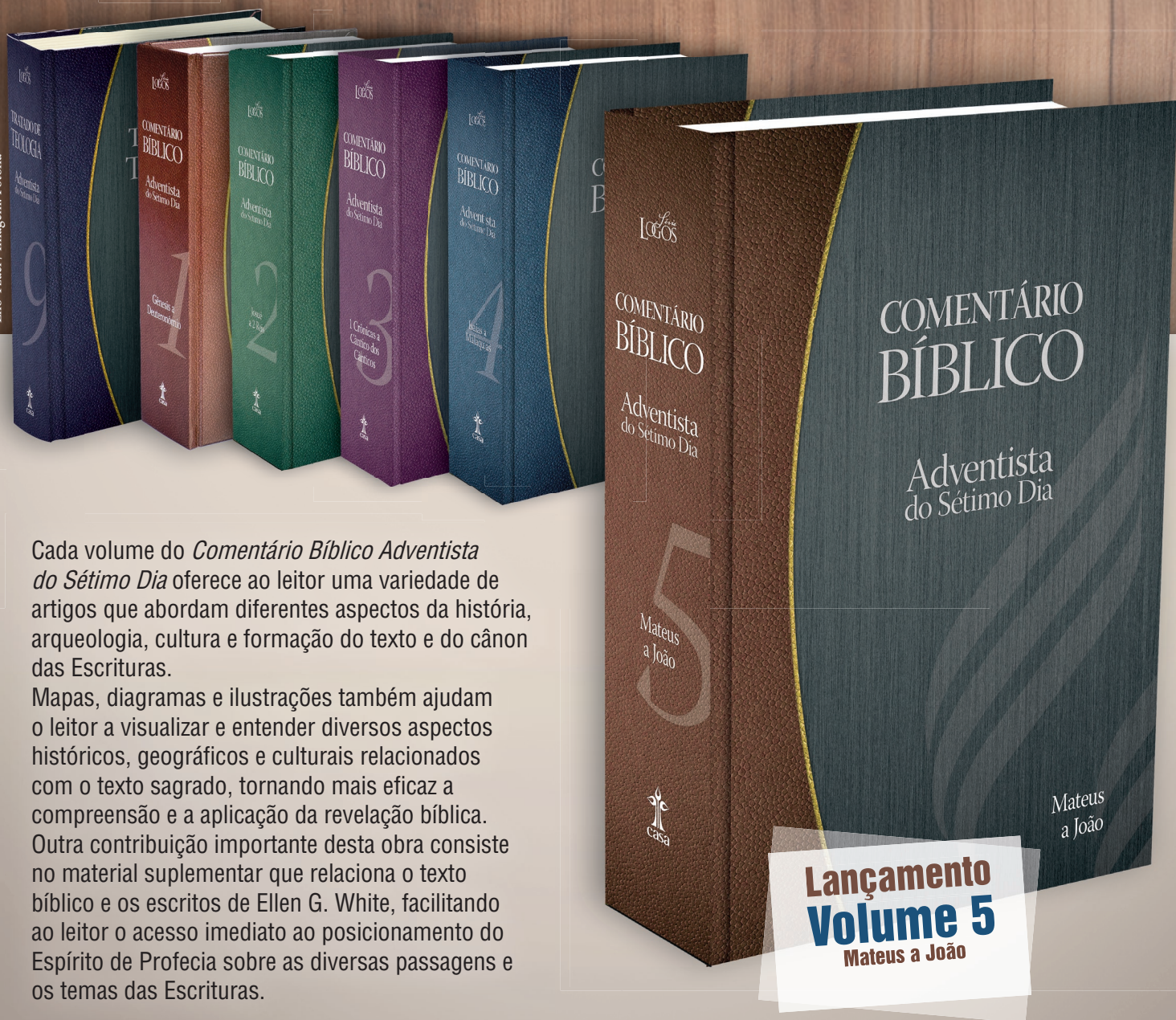
O cristão deve edificar todo o fundamento se quiser construir um caráter forte e simétrico, se quiser ser bem equilibrado em sua experiência religiosa. É dessa maneira que o homem será preparado para atender aos reclamos da verdade e da

justiça, como são apresentados na Bíblia; pois ele será sustentado e fortalecido pelo Espírito Santo de Deus. Aquele que é cristão verdadeiro combina grande ternura de sentimentos com grande firmeza de propósito, com inamovível fidelidade a Deus; em caso algum se tornará traidor de sagrados depósitos. Quem é dotado do Espírito Santo tem grande capacidade do coração e do intelecto, tendo uma força de vontade e propósito invencíveis.

Uma colheita de alegrias será feita pelos que semeiam a santa semente da verdade.

**Conheça os primeiros
lançamentos desta coleção!**

Série LOGOS



Cada volume do *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* oferece ao leitor uma variedade de artigos que abordam diferentes aspectos da história, arqueologia, cultura e formação do texto e do cânon das Escrituras.

Mapas, diagramas e ilustrações também ajudam o leitor a visualizar e entender diversos aspectos históricos, geográficos e culturais relacionados com o texto sagrado, tornando mais eficaz a compreensão e a aplicação da revelação bíblica. Outra contribuição importante desta obra consiste no material suplementar que relaciona o texto bíblico e os escritos de Ellen G. White, facilitando ao leitor o acesso imediato ao posicionamento do Espírito de Profecia sobre as diversas passagens e os temas das Escrituras.